

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 27 - número 53 - março 2018



IDADES DE OURO, IDADES DE FERRO PRESENTE E PASSADO MÍTICOS EM HESÍODO

GOLDEN AGES, IRON AGES
MYTHICAL PRESENT AND PAST IN HESIOD

PAULO ALEXANDRE LIMA*

Abstract: The myth of ages should be understood as changing the status of the *Works and Days*, for it explains the present times by means of mythical categories. The general sense of the myth is a degeneration of ages. Along the way, there are two moments of regeneration, where two kinds of “return” to the golden age and two manifestations of cyclical temporality occur. Together, the iron and the golden age form the two major pillars in the composition of the myth. In the alternative, which the iron people are confronted with, between good and justice/evil and injustice, the ultimate meaning of the myth and the possibility of the second manifestation of cyclical temporality are at stake.

Keywords: Cyclical temporality, myth of ages, mythical categories

* Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Endereço electrónico: lima.paulo-alexandre@gmail.com. Orcid id: 0000-0002-8022-2003.

O presente artigo corresponde a uma versão bastante alargada e remodelada de uma parte de uma comunicação – com o título “Idades de ouro, idades de ferro: Presente e passado míticos em Hesíodo e Platão” – apresentada ao *workshop Poesia e filosofia na Grécia antiga: Afinidades, cruzamentos, querelas*, que teve lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (nos dias 1 e 2 de Novembro de 2013) e foi organizado pela Unidade de I&D *Linguagem, Interpretação & Filosofia* da Universidade de Coimbra. Gostaria de deixar aqui uma palavra de agradecimento a todos os participantes no *workshop* pelas perguntas e sugestões feitas nessa ocasião, em especial à Professora María José Martín-Velasco (Universidade de Santiago de Compostela) e ao Professor António Caeiro (Universidade Nova de Lisboa).

Resumo: O mito das idades deve ser entendido como algo que muda o estatuto de *Os trabalhos e os dias*, pois explica o tempo presente através de categorias míticas. O sentido geral do mito é o de uma degeneração das idades. Ao longo dessa degeneração, há dois momentos de regeneração, nos quais ocorrem dois tipos de “regresso” à idade de ouro e duas manifestações de temporalidade cíclica. A idade de ouro e a idade de ferro formam, em conjunto, os dois principais pilares da composição do mito. É na alternativa, com a qual estão confrontados os habitantes da idade de ferro, entre bem/justiça e mal/injustiça que se jogam o sentido último do mito e a possibilidade da segunda manifestação de uma temporalidade cíclica.

Palavras-chave: Temporalidade cíclica, mito das idades, categorias míticas

Résumé: Le mythe des âges doit être compris comme quelque chose qui change le statut du poème *Les travaux et les jours*, car il explique le temps présent à travers de catégories mythiques. La signification générale du mythe est celle d’une dégénérescence des âges. Tout au long de cette dégénérescence, il y a deux moments de régénération, où il y a deux sortes de “retours” à l’âge d’or et deux manifestations de la temporalité cyclique. L’âge d’or et l’âge de fer forment ensemble les deux principaux piliers de la composition du mythe. Dans l’alternative, à laquelle le peuple de fer est confronté, entre le bien/la justice et le mal/l’injustice, le sens ultime du mythe et la possibilité d’une seconde manifestation de la temporalité cyclique sont en jeu.

Mots-clés: Temporalité cyclique, mythe des âges, catégories mythiques

I

Neste estudo, procuraremos considerar a relação e o contraste *estruturais* entre a idade de ouro e a idade de ferro. Como veremos melhor, entre a idade de ouro e a idade de ferro não existe apenas um contraste ou uma oposição; existe, na verdade, também uma relação de *remissão*, segundo a qual a idade de ouro degenera e, ao cabo de uma série de etapas, se transforma na idade de ferro e segundo a qual a idade de ferro tem a possibilidade de se regenerar e de se assemelhar à idade de ouro. Por outras palavras, nem a idade de ouro nem a idade de ferro são idades absolutas, no sentido em que seria possível definir cada uma delas exclusivamente a partir de si mesma; sucede antes que nenhuma delas pode ser definida fora da sua relação com a outra; mais do que isso, nenhuma delas pode ser definida fora da sua relação com a “*narrativa*” *global* das idades, quer se trate de uma narrativa que privilegia a mera sucessão linear das várias idades, quer se trate de uma narrativa que procura acentuar o carácter “regressivo” ou cíclico da transição de certas idades para outras.

Consideraremos, portanto, a relação e o contraste estruturais entre a idade de ouro e a idade de ferro, entendidos nestes termos. No entanto, a necessidade, agora mesmo indicada, de integração de cada uma das idades na narrativa global das idades chama a atenção para uma questão central, que se pode formular do seguinte modo: que compreensão(ões) do *tempo* pode(m) estar implicada(s) na ideia geral de uma narrativa das idades?

Mais adiante, esta questão será objecto de consideração da nossa parte. Mas, para já, consideremos alguns aspectos que resultam do facto de a narrativa das idades ser justamente uma narrativa ou uma *história* – e uma narrativa ou uma história das idades do *Humano*. Desde logo, a narrativa das idades do Humano costuma ser apresentada precisamente como um *mito*¹. Não nos interessa discutir aqui a fundo todos os desenvolvimentos de que este conceito foi objecto, quer no pensamento grego antigo, quer depois nos estudos modernos sobre a mitologia.² Interessa-nos, sim, considerar que a narrativa das idades do Humano, enquanto narrativa mítica, corresponde a uma peculiar tentativa de *compreensão* da “realidade” que, sem comprometer com isso integralmente o seu estatuto de “*verdade*”, nos conta uma história, fazendo uso de figuras ficcionais – ou *quase-ficcionais* – cujas acções ocorrem “*algures*”, num tempo e num espaço *indefinidos*. As narrativas míticas são, o mais das vezes, narrativas sobre o *passado* – sobre um passado *sem cronologia definida*, que não conseguimos localizar exactamente em relação ao presente em que vivemos e que situamos por meio do calendário. As narrativas míticas e o passado mítico que elas retratam estão vaga e difusamente “lá para trás”; não deixam, porém, de retratar o passado – um tempo

¹ Cf. v. 106, onde Hesíodo refere que vai apresentar, sob a forma de um esboço (ἐκκορυφώσω), uma outra história ou narrativa (ἕτερον ... λόγον). Embora Hesíodo use λόγος em vez de μῦθος, tal não significa que o que vai apresentar não possua um carácter mítico – uma vez que, no período arcaico, os termos são sinónimos (veja-se R. G. A. Buxton, *Imaginary Greece: The Contexts of Mythology* (Cambridge, 1994), 12-13). Mesmo o uso de ἐκκορυφώσω nada diz nesse sentido, já que a ideia de esboço pertence ao âmbito da historiografia (como sustenta T. G. Rosenmeyer, “Hesiod and Historiography”, *Hermes*, 85, 1957, 269) mas também ao da mitologia – considere-se, a tal respeito, B. Currie, “Hesiod on Human History” in J. Marincola, L. Llewellyn-Jones and C. Maciver (edd.), *Greek Notions of the Past in the Archaic and Classical Eras: History without Historians*, (Edinburgh, 2012), 38, n. 5, que cita as *Fábulas de Higino* e, do próprio Hesíodo, a *Teogonia* e o *Catálogo de mulheres*. Quanto ao texto grego de *Os trabalhos e os dias* e à sua referência, seguimos a edição de G. W. Most, *Hesiod: Theogony, Works and Days, Testimonia*, Edited and Translated (Cambridge MA, 2006; repr. with corr. 2010). Na citação de *Os trabalhos e os dias*, usamos apenas o(s) número(s) do(s) verso(s) de cada vez em causa.

² A esse respeito, veja-se M. Detienne, *L'invention de la mythologie* (Paris, 1981).

que precede o nosso e que desempenha um papel relevante no modo como o tempo em que vivemos se acha *conformado* (mesmo que não consigamos determinar exactamente como desempenha esse papel).³

Contudo, um dos aspectos interessantes da narrativa sobre as idades do Humano é que ela inclui expressamente uma caracterização *mítica* do nosso *presente*. Segundo a narrativa das idades do Humano, a idade de ouro corresponde a uma “parte” do nosso passado e a idade de ferro corresponde ao que *ainda é* o nosso presente. Ora, se a idade de ouro consiste numa narrativa mítica sobre o nosso passado, a *idade de ferro* não consistirá senão numa *narrativa mítica sobre o nosso presente*.⁴

Na verdade, é bem mais fácil aceitar esta tese em relação ao passado do que aceitá-la em relação ao presente – e até mesmo ao futuro. Pois, vendo bem, a narrativa das idades do Humano fala do passado como um passado longínquo – mas fala do presente *onde e como* o conhecemos. Todavia, a partir do momento em que identificamos o presente em que vivemos como algo que *provém* de um passado ao limite *não-situável* (por outras palavras, a partir do momento em que identificamos a idade de ferro em que vivemos como algo que *provém* de uma idade de ouro ao limite *não-situável*) também o *presente* – a *idade de ferro* – se torna *não-situável*, adquirindo assim um *carácter mítico*⁵.

Mas, segundo a narrativa das idades do Humano, o carácter mítico do presente – da idade de ferro – não se deve apenas ao facto de o presente – a

³ Sobre esta compreensão do mito e do tempo mítico, veja-se M. I. Finley, “Myth, Memory, and History”, *History and Theory*, 4, 1965, 281-302.

⁴ A própria designação do tempo em que Hesíodo viveu como idade *de ferro* situa imediatamente esse tempo no plano do *simbólico*, isto é, num plano de *significação* ou *codificação* que *transcende* o plano do *real*: do mero facto ou do mero acontecimento. A propósito desta função simbólica do mito e da sua relevância para a compreensão do tempo dito histórico (e, até mesmo, do tempo presente), veja-se e.g. M. Eliade, *Aspects du mythe*, Paris, 1963, pp. 11-34 et passim. A despeito das muitas diferenças que distinguem o tempo de Hesíodo do tempo presente em que vivemos, as características da idade de ferro são, no fundamental, *também características do nosso tempo*; e, nesse sentido, o nosso tempo pode, de certa forma, *também ser designado como idade de ferro*; ou, dito de outro modo, podemos admitir que Hesíodo compreenderia o nosso tempo como *pertencendo ainda à idade de ferro*: isto é, compreendê-lo-ia *a partir de categorias míticas e simbólicas*. E quem diz Hesíodo diz também quem quer que partilhasse ou partilhe da sua perspectiva.

⁵ O mito das idades do Humano procura identificar as *origens* da idade em que vivemos, quer dizer, da idade de ferro; e, nesse sentido, procura identificar algo que *caracteriza ainda e sempre* a idade de ferro, ou seja, aquilo que constitui as suas origens. Sobre esta forma de relação entre as origens e o originado, tal como se exprime na mentalidade grega antiga, veja-se e.g. B. A. van Groningen, *In the Grip of the Past: Essay on an Aspect of Greek Thought* (Leiden, 1953), 13-23 et passim.

idade de ferro – ser algo que provém do passado, da idade de ouro; isto é, não se deve apenas ao facto de corresponder ao termo último (ou quase-último⁶) de uma sucessão temporal linear. Com efeito, o carácter mítico do presente – da idade de ferro – decorre também da circunstância de o presente – a idade de ferro – ter a possibilidade de se “regenerar” e de assumir como *ideal* dessa regeneração o passado *mítico* da idade de ouro. Mais do que isso, como veremos melhor, o presente – a idade de ferro – possui um carácter mítico porque encerra em si *marcas* ou *sinais* do *passado* – da *idade de ouro* – a que aspira “regressar”; e essas marcas ou esses sinais são, vendo bem, a “condição de possibilidade” da própria “apercepção” da presença da idade de ouro na idade de ferro enquanto seu ideal e da própria execução do movimento de regresso à idade de ouro por parte dos habitantes da idade de ferro.

Porque se trata de um regresso, a narrativa mítica das idades do Humano implica uma concepção “regressiva”, *cíclica*⁷, do tempo. A temporalidade

⁶ A respeito da questão de saber se, no mito das idades, Hesíodo se refere ou não a uma sexta idade, que pode suceder à idade de ferro, veja-se a secção VIII do presente estudo.

⁷ Sobre a noção de tempo cíclico na sua relação com o mito das idades, no que diz respeito não só à literatura grega antiga mas também à literatura latina, veja-se e.g. R. H. Martin, “The Golden Age and the Κύκλος Γενέσεως (Cyclical Theory) in Greek and Latin Literature”, *G&R*, 12, 1943, 62-71. No presente estudo, o nosso propósito não é o de caracterizar o modo como os gregos antigos calculavam o tempo (para tal, vejam-se e.g. M. L. WEST, *Hesiod: Works & Days*, Edited with Prolegomena and Commentary (Oxford, 1978), 376-381 e P. Vidal-Naquet, “Temps des dieux et temps des hommes” in *Le chasseur noir: formes de pensée et formes de société dans le monde grec* (Paris, 2005), 69-71, mas antes o de caracterizar as *formas de temporalidade implicadas no mito das idades*. Quanto à temporalidade específica deste mito, considerem-se J.-P. Vernant, “Le mythe hésiodique des races. Essai d’analyse structurale (1960)” in *Œuvres: religions, rationalités, politique* I (Paris, 2007), 258; “Le mythe hésiodique des races. Sur un essai de mise au point (1966)”, *ibid.*, p. 307 (nn. 1-2). (As listas bibliográficas são apresentadas por ordem cronológica.) Para Vernant, a temporalidade do mito hesiódico é de natureza cíclica (e tanto quer dizer também: cósmica) – não de natureza linear. Vidal-Naquet, “Temps des dieux et temps des hommes”, 71, propõe-se analisar as relações entre o tempo dos deuses (ou seja: o tempo cósmico) e o tempo dos homens (isto é: o tempo histórico) – em vez das relações entre a temporalidade linear e a temporalidade cíclica. Ao longo de todo o nosso estudo, procuramos mostrar que no mito hesiódico vigoram *simultaneamente* uma temporalidade cíclica e uma temporalidade linear. No contexto desse mito, longe de se oporem enquanto duas temporalidades distintas (e apesar do predomínio da temporalidade linear sobre a cíclica), ambas concorrem para a formação de *uma mesma temporalidade fundamental de carácter complexo e com uma multiplicidade de potenciais modos de manifestação*. Esta complicada forma de temporalidade não possui nem um carácter histórico (pois consiste numa temporalidade *mítica*) nem um carácter cósmico (uma vez que diz respeito especificamente à temporalidade *mítica dos seres humanos*) – mesmo que seja determinada pelos deuses. Considere-se infra n. 95.

da narrativa das idades é, portanto, complexa – implica, na verdade, o *cruzamento* de diferentes *temporalidades*: a temporalidade *linear* da *degeneração* sucessiva das idades⁸ e a temporalidade “regressiva”, cíclica, da possibilidade de *regeneração* da idade de ferro. O mito das idades do Humano envolve, assim, o cruzamento destas duas temporalidades. O complexo temporal resultante desse cruzamento é o de uma idade de ouro que sucessivamente acabou por degenerar na idade de ferro e o de uma idade de ferro cujo futuro – passe o aparente contra-senso – pode estar marcado pela tentativa de regresso ao passado mítico da idade de ouro (ainda que um regresso apenas parcial⁹).

Para examinarmos adequadamente a relação e o contraste estruturais entre a idade de ouro e a idade de ferro, não podemos deixar de levar em conta os aspectos temporais que temos vindo a expor: eles *definem* essa relação e esse contraste no seu carácter *mítico*.¹⁰

⁸ Como é sabido e representa uma tese comumente aceite entre os estudiosos dos poemas hesiódicos, a idade dos heróis introduz uma interrupção na degeneração sucessiva das idades iniciada com a extinção da idade de ouro. Sobre o significado e as consequências dessa interrupção para a interpretação do mito das idades (em especial, para a interpretação do mito das idades que aqui apresentamos), vejam-se infra a secção III e, sobretudo, as secções VII e X.

⁹ Como veremos infra na secção VIII e, sobretudo, na secção IX.

¹⁰ A análise estrutural clássica do mito hesiódico das idades foi levada a cabo por Vernant, “Le mythe hésiodique des races. Essai d’analyse structurale”, 255-280; “Le mythe hésiodique des races. Sur un essai de mise au point”, 281-313; “Méthode structural et mythe des races (1985)” in *Œuvres: religions, rationalités, politique* I, pp. 314-334 (doravante nesta nota, por uma questão de economia, faremos só referência às páginas da edição das obras completas de Vernant). A interpretação de Vernant foi (e continua a ser) de tal maneira influente nos estudos hesiódicos que se pode dizer até que há um *antes* e um *depois* da sua interpretação – a qual, ao longo dos diversos estudos em que se materializou e a despeito das diferenças de precisão e acentuação entre tais estudos, permanece congruente. Nesse sentido, importa proceder aqui a uma breve apreciação crítica da posição de Vernant. Na linha de V. Goldschmidt, “Théologie”, *REG*, 63, 1950, 33-39, Vernant sustenta que, no mito das idades, não há contradição entre *gênese* e *estrutura*, na medida em que a explicação da estrutura que lhe está subjacente é aí realizada a partir da apresentação de uma *gênese* ou *genealogia*; Vernant defende – como já o havia feito Goldschmidt – que, no mito em questão, a *sucessão temporal* das idades dá conta da *estrutura hierárquica permanente* do cosmos, a qual preside ao mundo dos deuses e dos seres humanos (cf. pp. 258, 262, 274; 285, 286). Segundo Vernant, a forma de *temporalidade exclusiva* do mito das idades é a *temporalidade cíclica* e, desse modo, não existe lugar no mito para a *temporalidade linear*; Vernant reconhece a presença nele de um sentido geral de *decadência*, mas defende que esta não segue um curso regular nem contínuo; três momentos fundamentais dessa ausência de *linearidade*, *continuidade* ou *regularidade* são a *passagem da idade de prata para a idade de bronze*, que Vernant diz

não exprimir decadência, o aparecimento da idade heróica, que – para Vernant – consuma um ciclo perfeito, bem como a destruição final da idade de ferro, que – segundo o autor – dará origem a um recomeço absoluto do ciclo total das idades (cf. pp. 258, 259; 287, 305). Vernant concebe a estrutura do mito hesiódico com base na sucessão de um jogo de antinomias entre as idades ou no seio de uma só idade (idade de ouro/idade de ferro, idade de bronze/idade heróica, bens/males no interior da idade de ferro); cada uma destas antinomias surge no contexto de uma determinada função social (real, guerreira ou de fertilidade) e manifesta, em cada caso, a oposição fundamental entre δίκη e ὕβρις (cf. pp. 259-262, 262-265, 265-272, 272-274). No âmbito de uma especificação da sua posição de fundo sobre o significado do mito, Vernant procura demarcar-se ligeiramente da interpretação de Goldschmidt (loc. cit.) para quem o mito está construído por forma a espelhar a organização do mundo segundo a compreensão da teologia tradicional; e procura fazê-lo recorrendo ao expediente da estrutura trifuncional indo-europeia identificada por G. Dumézil (cf. *Jupiter, Mars, Quirinus*, Paris, 259), já que – para Vernant – esta estrutura tem a capacidade de englobar a hierarquia determinada pela teologia tradicional (cf. p. 315). Mas, segundo o próprio Vernant, parece claro – em virtude do facto de o mito hesiódico introduzir algumas perturbações na estrutura trifuncional referida (uma vez que a função relativa à fertilidade, representada pela idade de ferro, abrange a humanidade actual inteira: cf. p. 317) – que o objectivo do texto do mito é sobretudo patentear o contraste δίκη/ὕβρις (cf. p. 318). A nossa interpretação do mito distingue-se, antes do mais, da de Vernant pela circunstância de fazermos um uso mais ligeiro da noção de *estrutura*, de acordo com o qual esta *não* se acha associada à ideia de uma estrutura *permanente e sincrónica* da realidade. Falamos aqui de estrutura somente para nos referirmos aos *pilares* ou *sustentáculos* – ao plano ou *lógica* – *fundamentais* da construção do mito hesiódico *tal como o texto de Os trabalhos e os dias no-los revela*. Assim, é a estrutura *temporal* do mito (os paralelos entre as várias idades enquanto são de ordem temporal) que constituem o objecto do nosso estudo – e o que, quanto a nós, está principalmente em questão no texto hesiódico. Não há, com efeito, para nós – como para Vernant – uma subordinação da sucessão temporal em relação a uma estrutura sincrónica: é, antes, *a própria estrutura inerente às formas de temporalidade que se cruzam no mito* que se encontra no seu centro e que nos importa estudar. Não nos interessa, pois, identificar uma estrutura permanente por detrás do mito hesiódico (uma estrutura tradicional, trifuncional ou antinómica): mas sim determinar o objectivo principal e manifesto de Hesíodo à superfície do texto do seu mito, bem como o lugar deste último no contexto global de *Os trabalhos e os dias* (cf. infra secção II). Na nossa concepção do mito, a temporalidade linear – a temporalidade que nele é dominante (cf. infra secção VI) – e a cíclica (cf. infra secções VII-IX) coexistem; ambas contribuem para que o sentido geral do mito consista numa decadência mais ou menos regular – com as duas excepções em que essa decadência se interrompe ou pode vir a interromper: o surgimento da idade dos heróis (cf. infra secção VII) e a realização da versão justa da idade de ferro (cf. infra secção VIII). O jogo de antinomias apresentado por Vernant, o jogo de oposições que sustenta a sua concepção exclusivamente circular da temporalidade do mito, oferece significativos problemas – assim como os oferece a aplicação ao mito da trifuncionalidade indo-europeia de Dumézil (vimos que o próprio Vernant o reconhece). Desde logo, a primeira antinomia δίκη/ὕβρις, a antinomia entre a idade de ouro e a de prata, é perturbada pela circunstância de δίκας (v. 124) – para

A apresentação que acabamos de realizar é, porventura, algo abstracta; destina-se apenas a expor o quadro geral de problemas que procuraremos considerar adiante de forma mais concreta – a partir de *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo (vv. 106-201). Este poema contém a versão mais emblemática do mito das idades¹¹; as considerações precedentes tiveram-na de algum modo já em vista e quiseram sobretudo preparar uma determinada interpretação do que nela se encontra.

II

Não se percebe o mito das idades (em *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo) se não se procurar situar esse mito no contexto global do poema em que

além de poder não se referir a δίκη no sentido de justiça moral mas apontar para a ideia de sentenças judiciais – dizer respeito ao destino *post mortem* dos habitantes da idade de ouro (portanto a um tempo diferente daquele em que os habitantes da idade de ouro viviam enquanto γένος anterior ao da idade de prata: cf. infra n. 38). Depois, no caso da passagem da idade de prata à de bronze, é de decadência que se trata, ao contrário do que sustenta Vernant na sua interpretação de οὐκ ἀργυρέω οὐδὲν ὁμοῖον no v. 144 (cf. infra n. 63). Além disso, o aparecimento da idade dos heróis não constitui um ciclo perfeito, pois em muitos aspectos mesmo as condições de vida dos heróis nas Ilhas dos Bem-aventurados fica aquém das vigentes na idade de ouro (cf. infra secção VII). No nosso estudo do mito, não está em causa – como para Vernant – um jogo de antinomias que perturba a decadência mais ou menos regular das idades, mas precisamente uma sucessão de tendência decadente com dois momentos de interrupção ou possível interrupção: com maior destaque para o segundo desses dois momentos (a actualização da versão justa da idade de ferro; cf. infra secção X).

¹¹ Sobre a origem da designação mito das *idades* e a imprecisão da tradução de γένη por idades, veja-se H. C. Baldry, “Who Invented the Golden Age?”, *CQ*, 2, 1952, 83-92 (em especial, 87-90). Contudo, somos aqui da opinião de S. A. Nelson, *God and the Land: The Metaphysics of Farming in Hesiod and Vergil* (Oxford, 1998), 75: “Hesiod’s γένη, literally «races», are also, and equally, «ages». They can be both because the two, the time and conditions under which human beings live, and the kind of beings they are, to Hesiod’s eyes are the same.” Ou, mais precisamente: o tempo e as condições em que os habitantes das diversas idades vivem *determinam* o seu modo de ser. Além disso, segundo o mito das idades, o tempo e as condições em que os habitantes de cada idade vivem conferem *colectivamente* a todos os habitantes de uma *mesma idade* a *mesma natureza* ou o *mesmo carácter*, de sorte que se pode falar de γένη como correspondendo também a *gerações*. É assim que N.-L. Cordero, “Passé mythique et présent historique chez Hésiode” in A. Thivel (ed.), *Le miracle grec*, Nice (1992), 81 (em especial, n. 4), traduz γένη (embora pareça rejeitar *idades* como vertendo fielmente o termo). Quanto à posteridade de *Os trabalhos e os dias* e do mito das idades em particular, considerem-se R. Hunter, *Hesiodic Voices: Studies in the Ancient Reception of Hesiod’s Works and Days* (Cambridge, 2014); H. van Noorden, *Playing Hesiod: The ‘Myth of the Races’ in Classical Antiquity* (Cambridge, 2015).

se insere. Para o referirmos de modo muito breve – pois não é esse o foco principal do presente estudo –, *Os trabalhos e os dias* tentam explicar, entre outras coisas, a *origem do mal e da injustiça*¹². Vendo bem, *Os trabalhos e os dias* não se reduzem a isso; mas, de todos os seus “grandes” temas, esse é um dos que mais pode contribuir para se compreender o sentido do mito das idades. A elaboração, por parte de Hesíodo, de *Os trabalhos e os dias* resulta de um motivo concreto, a saber, o desentendimento entre o autor (Hesíodo) e Perses (seu irmão) pelo modo como este último se apoderou de mais do que lhe cabia da herança paterna¹³.

Quer se sustente que todos os temas de *Os trabalhos e os dias* decorrem de uma generalização do modo como Hesíodo olha para os injustos actos de seu irmão¹⁴; quer se defenda que a causa do desentendimento entre Hesíodo e Perses não é senão uma manifestação concreta do mal e da injustiça do

¹² Cf. e.g. vv. 47-58, 90-104. Como ficou sugerido, não pretendemos sustentar que esse é o único, ou mesmo o principal, motivo que levou Hesíodo a compor *Os trabalhos e os dias*, mas apenas que esse é *um*, entre outros, dos motivos que levaram a tal composição ou, pelo menos, *um dos temas centrais* do poema hesiódico. Sobre a noção de δίκη, termos afins e contrastantes, tal como surgem em *Os trabalhos e os dias*, cf. e.g. vv. 213-224, 238-239, 270-273, 274-285. Vejam-se também *sch. Hes. Op.* 279a (PERTUSI); R. J. Bonner, “Administration of Justice in the Age of Hesiod”, *CPh*, 7, 1912, 17-23; M. Gagarin, “Diké in the *Works and Days*”, *CPh*, 68, 1973, 81-94; J. Fontenrose, “Work, Justice, and Hesiod’s Five Ages”, *CPh*, 59, 1974, 1-16; D. B. Claus, “Defining Moral Terms in *Works and Days*”, *TAPhA*, 107, 1977, 73-84; M. W. Dickie, “Dike as a Moral Term in Homer and Hesiod”, *CPh*, 73, 1978, 91-101. Com Claus e Dickie – e contra Gagarin, que defende que δίκη, em *Os trabalhos e os dias*, tem um sentido estritamente legal –, sustentamos que δίκη e afins possuem também (e principalmente) um *sentido moral*.

¹³ Cf., em especial, vv. 27-41 e, ainda, vv. 213-285. Discute-se, entre os estudiosos de *Os trabalhos e os dias*, sobre se terá ou não havido uma disputa em tribunal entre os dois irmãos (veja-se, por exemplo, P. B. R. Forbes, “Hesiod versus Perses”, *CR*, 64, 1950, 82-87) e, até mesmo, sobre se Perses será uma personagem real ou uma personagem fictícia inventada por Hesíodo (vejam-se as indicações de J. S. Clay, *Hesiod’s Cosmos*, Cambridge, 2003, p. 34 n. 8). Independentemente, porém, da existência de Perses e de uma disputa legal entre este e Hesíodo, *Os trabalhos e os dias* podem ser considerados um *poema de carácter didáctico* que também se destina aos reis e ao restante público (e, em última instância, aos leitores do poema desde a Antiguidade até aos nossos dias). Sobre até que ponto o carácter didáctico está presente em *Os trabalhos e os dias* e determina a sua composição, vejam-se M. Heath, “Hesiod’s Didactic Poetry”, *CQ*, 35, 1985, 245-263; Cordero, “Passé mythique et présent historique chez Hésiode”, 84 n. 1. Sobre a natureza didáctica de *Os trabalhos e os dias* na interpretação antiga de Hesíodo, considere-se HUNTER, *Hesiodic Voices: Studies in the Ancient Reception of Hesiod’s Works and Days*, 40-122.

¹⁴ Veja-se F. Solmsen, *Hesiod and Aeschylus*, Ithaca NY, 1949, p. 96, que invoca, em testemunho da sua tese, os vv. 276-280 de *Os trabalhos e os dias*.

tempo presente¹⁵ – uma coisa parece certa: *Os trabalhos e os dias* possuem uma *dimensão universal* e procuram dar conta (sob a forma particular do mito) da *presença* e do *predomínio* do mal e da injustiça no tempo presente. É para o cumprimento desse propósito que contribui o mito das idades, ao descrever a origem dos males *do tempo presente*; e nisso o mito das idades não está só – pois, vendo bem, complementa os dois mitos que o antecedem (o mito de Prometeu e o de Pandora¹⁶) e prepara a fábula do falcão e do rouxinol¹⁷.

Todas essas histórias, com efeito, contribuem para o cumprimento do propósito de *Os trabalhos e os dias*; mas – como indicámos e examinaremos melhor adiante – tentam mostrar também como é que o mal e a injustiça (cuja origem procuram explicar) *podem ser contrariados* e “*revertidos*”. De facto, uma parte significativa de *Os trabalhos e os dias* é dedicada a esta questão; isso está bem patente não só nas várias histórias que compõem o poema, mas também nos ensinamentos e conselhos de Hesíodo¹⁸ (os quais constituem autênticos manuais de como nos comportarmos uns com os outros, nos comportarmos no trabalho e perante os deuses e a natureza)¹⁹.

Por uma questão de economia, não vamos considerar as restantes histórias de *Os trabalhos e os dias* (nem em si mesmas, nem na sua posição

¹⁵ Em ambos os casos, reconhece-se a presença de uma *influência recíproca entre o indivíduo e a comunidade humana* (cf. e.g. vv. 240, 265-266; Call. *Aet.* 2.5 [Pfeiffer]). Clay, *Hesiod's Cosmos*, p. 36, diz – a nosso ver, acertadamente – o seguinte: “(...) it is precisely this combination of the general and the specific that gives the poem [i.e. *Os trabalhos e os dias*] its validity as a protreptic.”

¹⁶ Vv. 42-58 e 59-105, respectivamente. Uma vez que a criação de Pandora é uma consequência dos actos de Prometeu, poderíamos considerar que se trata de um só mito.

¹⁷ Vv. 202-212. Quanto ao carácter de *fábula* da história do falcão e do rouxinol, por contraste com as duas anteriores histórias na sua qualidade de mitos, veja-se NELSON, *God and the Land: The Metaphysics of Farming in Hesiod and Vergil*, op. cit., pp. 77-78. A respeito da *natureza não-convencional* da fábula do falcão e do rouxinol, vejam-se HEATH, “Hesiod's Didactic Poetry”, loc. cit., 249; M. J. Mordine, “Speaking to Kings: Hesiod's *Alvos* and the Rhetoric of Allusion in the *Works and Days*”, *CQ*, 56, 2006, 363-373.

¹⁸ Clay, *Hesiod's Cosmos*, op. cit., p. 46, chama a atenção para o facto de, após a secção relativa ao calendário de navegação, o nome de Perses desaparecer e Hesíodo passar a dirigir-se a um “tu” cujo nome não é referido. Tal corresponde a uma forma de Hesíodo *interpelar um universo mais vasto de pessoas*. A nosso ver, todavia, isso não significa que Perses deixe de estar incluído nesse universo mais vasto, embora se torne com isso em alguém que *só indirectamente é interpelado por seu irmão*.

¹⁹ Para um sumário da estrutura geral de *Os trabalhos e os dias*, vejam-se e.g. West, *Hesiod: Works & Days*, 1-3; Nelson, *God and the Land: The Metaphysics of Farming in Hesiod and Vergil*, 46-48; Most, *Hesiod: Theogony, Works and Days, Testimonia*, xxxvi-xxxvii.

relativa)²⁰; e também não vamos considerar os aspectos pedagógicos ou didáticos do poema. Era, no entanto, indispensável apresentar uma certa interpretação do lugar que ocupa o mito das idades no plano geral de *Os trabalhos e os dias*.

III

Como assinalámos inicialmente, focaremos sobretudo a idade de ouro e a idade de ferro na sua relação e no seu contraste. Isso significa, dito de outro modo, que são essas duas idades (mais do que as restantes que se situam entre elas) que procuraremos analisar neste estudo. Não podemos, porém, deixar de referir que o sentido do “movimento” da idade de ouro para a idade de ferro é, em geral, o de uma *degeneração*, *decadência* ou *deterioração*²¹.

²⁰ A despeito das diferenças quanto à forma literária e à especificidade da mensagem que se pretende transmitir, existe uma certa *unidade entre as três histórias* – veja-se a síntese de Nelson, *God and the Land: The Metaphysics of Farming in Hesiod and Vergil*, 61: “The first major section of the *Works and Days*, which includes the myths of Pandora and of the Five Ages and the fable of the Hawk and the Nightingale, explains why Zeus *wants* human life to be hard. Perses’ and the kings’ attempt to win an easy living is therefore doomed to failure. The section thus provides a mythological framework for Hesiod’s exploration of justice and farming.”

²¹ Esta é a posição comumente adoptada por quem estuda os textos de Hesíodo – cf. West, *Hesiod: Works & Days*, op. cit., p. 174. G. W. Most, “Hesiod’s Myth of the Five (or Three or Four) Races”, *PCPhS*, 43, 1998, 105-108, apresenta um sumário bastante completo da recepção, desde a Antiguidade até aos nossos dias, do mito hesiódico das idades como envolvendo degeneração. Actualmente, porém, ainda se continua a discutir a questão – vejam-se Cordero, “Passé mythique et présent historique chez Hésiode”, loc. cit., 82; L. Koenen, “Greece, the Near East, and Egypt: Cyclic Destruction in Hesiod and the *Catalogue of Women*”, *TAPhA*, 124, 1993, 4 n. 11; Most, *ibid.*, 119; Clay, *Hesiod’s Cosmos*, 81-82; R. Gagné, “Invisible Kin: *Works and Days* 280-285”, *Hermes*, 138, 2010, 9. **Para a perspectiva segundo a qual o mito das idades não exprime degeneração, vejam-se** F. Bamberger, “Über des Hesiodus Mythos von den ältesten Menschengeschlechtern”, *RhM*, 1, 1842, 534; W. Hartmann, *De quinque aetatibus Hesiodaeis*, Friburgi Brisigaurorum, Ex officina typographica Caritatis, 1915, 19-20, 30, 58; F. J. Teggart, “The Argument of Hesiod’s *Works and Days*”, *JHI*, 8, 1947, 52; Rosenmeyer, “Hesiod and Historiography”, 269-277; Fontenrose, “Work, Justice, and Hesiod’s Five Ages”, 8 n. 16; P. Smith, “History and the Individual in Hesiod’s Myth of Five Races”, *CW*, 74, 1980, 145, 158; T. M. Falkner, *The Poetics of Old Age in Greek Epic, Lyric, and Tragedy*, Norman OK, 1995, 63-65; Most, *ibid.*, 109; GAGNÉ, *ibid.*, 9. Sobre o *status quaestionis* em relação ao carácter da interpretação antiga do mito das idades e sobre o contraste entre o *status quaestionis* das interpretações modernas e as interpretações antigas do mito, considere-se van Noorden, *Playing Hesiod: The ‘Myth of the Races’ in Classical Antiquity*, 1-3 (nn. 3-8), 6 (nn. 22-24).

Isso torna-se evidente se considerarmos, por exemplo, o que acontece na “passagem”²² da idade de ouro para a idade de prata (vv. 127-129), da idade de prata para a idade de bronze (vv. 143-146) e da idade heróica para a idade de ferro (vv. 174-175); e, vendo bem, uma deterioração *mais profunda* (para não dizer mesmo *absoluta*) está na iminência de acontecer na própria idade de ferro: trata-se de uma deterioração que *pode* levar à passagem da idade de ferro para uma outra idade *não nomeada* por Hesíodo.

Há, no entanto, duas objecções de fundo à validade absoluta da tese de que o mito das idades (em *Os trabalhos e os dias*) é *integralmente* um mito sobre a *decadência humana*. Desde logo, a passagem da idade de bronze para a idade heróica consiste num movimento de sentido *inverso*: a idade heróica é *moralmente superior* à idade de bronze (vv. 156-160). Depois, a idade de ferro, apesar de estar na iminência de se tornar ainda pior, tem, segundo Hesíodo, a *possibilidade de se regenerar*, ou seja, não está “condenada” ao mal e à injustiça, antes se acha perante uma *alternativa*: a alternativa entre o mal e a injustiça (por um lado) e o bem e a justiça (por outro)²³. No primeiro caso (na passagem da idade de bronze para a idade heróica), há uma *efectiva regressão* da decadência; no segundo (em que o Humano está perante a alternativa referida), há a *possibilidade* dessa regressão. Isto, todavia, não invalida a tese da decadência, nem o seu predomínio no mito; apenas infirma a tese de que a decadência é o *único* sentido da sucessão das idades.

IV

Antes de nos debruçarmos sobre as características da idade de ferro e da idade de ouro, consideremos dois aspectos comuns a quase todas²⁴ as idades

²² Clay, *Hesiod's Cosmos*, 85-86, sustenta que em geral as idades não derivam umas das outras, mas são de cada vez produzidas pelos deuses. No entanto, quando aqui falamos da *passagem* de umas idades para as outras, não nos estamos a referir à derivação das idades umas das outras, mas simplesmente à ideia de que *as idades se seguem umas às outras*. Noutros termos, estamos a referir-nos à ideia da *sucessão cronológica das idades*, a qual comporta também uma *degeneração*.

²³ Cf. vv. 286-292, onde Hesíodo recorre à imagem dos dois caminhos – um que conduz à Κακότης, outro que conduz à Ἀρετή – ao dirigir-se a Perses. Para Clay, *Hesiod's Cosmos*, 43 (n. 38), Κακότης e Ἀρετή possuem um *significado ético*, em virtude da sua ligação com o argumento do πανάριστος (vv. 293-295). Segundo Clay, *ibid.*, 36, o conflito entre Hesíodo e Perses é, antes do mais, sobre *como se deve viver*.

²⁴ Na caracterização da idade heróica Hesíodo não aplica nenhum adjetivo relativo a metais. Veja-se, no entanto, A. S. Brown, “From the Golden Age to the Isles of the Blest”, *Mnemosyne*, 51, 1998, 396: “The heroes have no metal (...) because they are essentially warriors, and bronze, the only metal capable of representing warriors, has been used up (...).”

retratadas no mito de Hesíodo: eles vão ajudar-nos a compreender melhor quer a idade de ferro quer a de ouro. Referimo-nos ao significado do termo γένος (cf. vv. 109, 127, 143, 159, 176); e, por outro lado, ao significado da caracterização dos diferentes γένη com recurso a adjectivos relativos a metais: χρύσειον (v. 109), ἀργύρειον (v. 120), χάλκειον (v. 144), σιδήρειον (v. 176).

Começemos pelo termo γένος. Γένος tem uma multiplicidade de acepções possíveis, de entre as quais interessa destacar duas. Γένος pode significar, entre outras coisas, “raça” ou “idade”.²⁵ São, com efeito, esses os dois sentidos que Hesíodo (em *Os trabalhos e os dias*) atribui ao termo γένος. Ao usar o termo γένος, Hesíodo não se refere ora à noção de “raça” ora à de “idade” ou “geração”; de facto, de cada vez que utiliza o termo, refere-se ao mesmo tempo aos dois significados, pois ambos estão *intrinsecamente ligados*. Assim, se, por um lado, γένος aponta para características (físicas ou morais) comuns a um determinado conjunto de seres (humanos, animais, plantas, etc.)²⁶, por outro, aponta também para o facto de um determinado conjunto de seres ter uma *mesma origem* e pertencer a um *mesmo tempo*²⁷. Ora, não é difícil perceber em que é que consiste a *unidade* destes dois sentidos de γένος: é que o “carácter” de um conjunto de seres é *indissociável* da sua origem, quer dizer, do facto de pertencerem a um mesmo tempo e a uma *mesma “geração”*. Estes dois sentidos, unificados no termo γένος, servem na perfeição o propósito de Hesíodo no mito das idades: de cada vez, determinar a *qualidade*²⁸ de um conjunto de seres humanos situando as suas vidas

²⁵ Veja-se supra n. 12.

²⁶ Cf. *LSJ* s.u.

²⁷ Em *R.* 414b8-415d5 (Burnet), Platão apresenta os diferentes γένη como sendo contemporâneos, numa clara apropriação do mito hesiódico das idades – veja-se H. van Noorden, “«Hesiod’s Races and Your Own»: Socrates’ «Hesiodic» Project” in G. R. Boys-Stones and J. H. Haubold (edd.), *Plato and Hesiod* (Oxford, 2010), 180. Mais recentemente, numa tentativa de fornecer uma interpretação fiel do pensamento de Hesíodo, Smith, “History and the Individual in Hesiod’s Myth of Five Races”, loc. cit., sustenta que os diversos γένη correspondem a diferentes estádios no processo de crescimento de um mesmo indivíduo, desde a infância até à idade adulta. Não obstante o interesse do estudo de Smith, discordamos da sua posição, por entendermos que a intenção de Hesíodo é caracterizar *todo o γένος actual como idade de ferro* e apresentá-lo como uma etapa avançada de um *processo de degeneração colectiva* por meio de uma cronologia que *extravasa o tempo de vida de um só indivíduo e até mesmo o de uma só geração*. É neste último aspecto que reside muito do carácter mitológico do mito das idades (veja-se supra secção I).

²⁸ Não tencionamos discutir se a decadência que o mito das idades reflecte é, em todos os casos, de natureza moral ou se, nalguns casos, é também de natureza física ou, até mesmo, de outra natureza. Aquilo que pretendemos afirmar é, simplesmente, que, ao longo do mito, há, em geral, uma sucessiva decadência da qualidade dos seres humanos e que, quer no caso da *passagem da idade de bronze para a idade heróica*, quer no caso

num *mesmo período de tempo*, algures num passado longínquo.

Ora, é também ao procurar determinar a qualidade de um conjunto de seres humanos pertencentes a um mesmo período de tempo no passado que Hesíodo recorre aos tais adjectivos relativos a metais. Com efeito, os adjectivos em causa (χρύσειον, ἀργύρειον, χάλκειον, σιδήρειον) indicam que algo possui as qualidades *físicas* dos respectivos metais: algo feito “de ouro” (χρύσειον), “de prata” (ἀργύρειον), “de bronze” (χάλκειον), “de ferro” (σιδήρειον). A circunstância de se tratar de um mito – de uma narrativa que faz uso de elementos que, pelo menos para nós hoje, são em grande medida ficcionais – não nos autoriza a pôr absolutamente de parte a possibilidade de Hesíodo estar também a dizer que os seres humanos pertencentes a cada uma daquelas quatro idades são *feitos* do respectivo *metal*²⁹. De todo o modo, não é só isso que Hesíodo parece estar a querer dizer (nem isso parece ser o fundamental da sua “mensagem”) – pois, vendo bem, os adjectivos em questão podem servir também para determinar as *qualidades* (morais ou de outra ordem) dos seres humanos a que dizem respeito³⁰. Assim, o que Hesíodo pretende exprimir, ao usar tais adjectivos, é *ao mesmo tempo* a importância *absoluta e relativa* da *qualidade* de cada uma daquelas gerações de seres humanos³¹. Na *escala* da superioridade ou inferioridade traçada por

da *passagem da idade heróica para a idade de ferro*, as transformações em questão assumem um *carácter preponderantemente moral*. É esse mesmo carácter preponderantemente moral que está em causa na *alternativa* com que os habitantes da idade de ferro se acham confrontados. Noutros termos, é esse carácter preponderantemente moral que vai estar em causa numa *eventual sexta idade*, quer esta acabe por corresponder a um *melhoramento* em relação à quinta idade que é a idade de ferro actual, quer acabe por corresponder a uma *ainda maior degradação*.

²⁹ Platão, em *R.* 415a2-415c6 (Burnet), naquilo que parece ser uma paródia do mito hesiódico das idades, concebe a doutrina segundo a qual os membros das diferentes classes são feitos de diferentes metais: ouro, prata, bronze e ferro. Veja-se, quanto a isto, P. Pucci, “Lévi-Strauss and Classical Culture”, *Arethusa*, 4, 1971, 116 n. 10 (com uma remissão para os vv. 91ss. do livro VII da *Odisseia*). Considere-se, além disso, W. J. Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)* (Leiden, 1985), 79-80, ad v. 109, que chama a atenção para o facto de, no pensamento grego arcaico, os metais não conterem apenas um valor simbólico: também se assemelham aos poderes ou às capacidades que os seres vivos possuem.

³⁰ Veja-se Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 79-80, ad v. 109.

³¹ Se admitirmos que cada metal entra literalmente na composição física dos habitantes da idade a que respeitam, podemos distinguir dois modos fundamentais segundo os quais os metais caracterizam os habitantes das diferentes idades: 1) o *modo literal* e 2) o *modo simbólico*. Este último, por seu turno, pode dividir-se em vários géneros, de acordo com o tipo de características a que os metais digam respeito: a) características *físicas*, b) características *morais*, etc. Importa não esquecer que, no que respeita às características

Hesíodo, a idade ou geração *de ouro* e a idade ou geração *de ferro* ocupam os dois *extremos*: a idade ou geração *de ouro* é *superior* a todas as outras³² e a idade ou geração *de ferro* é *de facto* a idade ou geração *moralmente mais corrompida*.³³

V

Importa agora analisar um pouco mais detidamente as duas idades que aqui procuraremos pôr em diálogo: a idade de ouro e a de ferro. Começemos por tentar acompanhar a caracterização geral da idade de ouro tal como se acha feita por Hesíodo (vv. 109-126). A melhor forma de começar é, talvez, proceder a uma determinação mais exata da *simbologia do ouro*. A simbo-

físicas, os metais são susceptíveis de equivaler a uma de duas formas de caracterização: i) a *caracterização física literal* e ii) a *caracterização física simbólica*. No que diz respeito a esta última, os metais possuem uma *função metafórica ou analógica*. Em expressões como *χάλκεον ἦτορ* (“coração de bronze”; cf. Hom. *Il.* 2.490 [Allen]) ou *σιδήρεος θυμός* (“temperamento de ferro”; cf. Hom. *Il.* 10.357 [Allen]), está em causa a ideia de que o *ἦτορ* (“coração”) é *como* o – tem *características análogas* ao – bronze e a ideia de que o *θυμός* (“temperamento”) é *como* o – tem *características análogas* ao – ferro. Vendo bem, aquilo que podemos designar como o *modo simbólico moral dos metais* (por contraste com o modo simbólico físico dos mesmos) também possui tal função metafórica ou analógica. A secção V do presente estudo mostrará que quer a *função metafórica/analógica física* quer a *função metafórica/analógica moral* estão presentes no mito hesiódico das idades; e mostrará também que ambas as funções desempenham um papel decisivo no estabelecimento da *hierarquia da qualidade das diferentes idades* a partir das características e da simbologia dos diferentes metais.

³² A superioridade do ouro em relação a todos os outros metais tem que ver sobretudo com o facto de estar *associado aos deuses* e à *ideia de incorruptibilidade* – veja-se BROWN, “From the Golden Age to the Isles of the Blest”, loc. cit., 395, 397. Sobre a relação entre os deuses e a ideia de incorruptibilidade e afins, veja-se J. S. Clay, “Immortal and Ageless Forever”, *CJ*, 77, 1981/1982, 112-117. Para mais elementos relativos à simbologia do ouro no contexto do mito das idades, veja-se infra secção V.

³³ Do ponto de vista do valor real dos metais, não se sabe se, na época arcaica, o ferro era ou não menos valioso do que o bronze – veja-se M. Y. Treister, *The Role of Metals in Ancient Greek History*, Leiden, 1996, 96. Do ponto de vista *simbólico*, porém, o ferro é *menos valioso do que o bronze* (consistindo, portanto, no *menos valioso dos metais*) – vejam-se B. Gatz, *Weltalter, goldene Zeit und sinnverwandte Vorstellungen*, Hildesheim, 1967, 44-45; F. Lämmli, *Homo faber: Triumph, Schuld, Verhängnis?*, Basel, 1968, 20; Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 97, ad v. 151; Falkner, *The Poetics of Old Age in Greek Epic, Lyric, and Tragedy*, 67; Most, “Hesiod’s Myth of the Five (or Three or Four) Races”, loc. cit., 113: “Hesiod was (...) committed (...) to a highly negative symbolic interpretation of iron”.

logia do ouro está ligada à ideia de *incorruptibilidade física e moral*³⁴; o ouro está também associado à ideia de *ingenuidade e inocência*³⁵; é, além disso, representado como um metal *divino*³⁶. Estas três grandes ideias implicadas na simbologia do ouro reforçam-se mutuamente: por ser *incorruptível moralmente*, o que é *de ouro* mantêm-se *inocente*, pois continua a não conhecer o mal nem a injustiça; por outro lado, o ouro é, desde logo, *incorruptível e imaculado* porque corresponde a um metal *divino*.³⁷

Estas três ideias encontram confirmação na descrição da idade de ouro em *Os trabalhos e os dias*: desde logo, quando Hesíodo diz que os seres humanos e os deuses têm uma mesma origem³⁸; depois, quando o mesmo Hesíodo refere que os seres humanos viviam como os deuses: com o espírito livre de cuidados³⁹. Segundo a caracterização de Hesíodo, a *semelhança*

³⁴ Vejam-se West, *Hesiod: Works & Days*, 178, ad v. 109; Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 79, ad v. 109; Brown, “From the Golden Age to the Isles of the Blest”, 395.

³⁵ Veja-se West, *Hesiod: Works & Days*, 178, ad v. 109.

³⁶ Vejam-se West, *Hesiod: Works & Days*, 178, ad v. 109; Brown, “From the Golden Age to the Isles of the Blest”, 393, 397.

³⁷ Independentemente de o ouro ter ou não, enquanto símbolo destinado à descrição da primeira idade, uma significação moral, o metal em questão, tal como se acha expresso em muitos outros passos da literatura grega antiga, pode envolver esse tipo de significação. Quanto à sua significação no contexto da descrição da primeira idade, ela *não possui um valor moral em sentido rigoroso*, uma vez que os habitantes dessa idade *não se acham perante a alternativa entre o bem e o mal ou a justiça e a injustiça*. Na descrição da primeira idade, o vocabulário mais próximo do que poderia ser considerado uma significação moral tem que ver com algo que corresponde a males (cf. v. 115: κακῶν ... ἀπάντων) ou bens (cf. v. 116: ἐσθλὰ ... πάντα) que são fornecidos aos habitantes da primeira idade por forças exteriores e, portanto, *não implicam um conflito interno sobre como se deve agir* (cf. v. 114: ... ἐπῆν, vv. 117-118: ... ἔφερε ... / αὐτομάτη ...). Além disso, a paz (cf. vv. 118-119: οἱ ... ἐθειημοὶ / ἦσυχοι ...) e a partilha de bens dos habitantes da primeira idade (cf. v. 119: ... ἔργ’ ἐνέμοντο σὺν ἐσθλοῖσιν πολέεσσιν) constituem, de certo modo, um resultado natural da ausência de necessidade de trabalho (cf. v. 113: ... νόσφιν ἄτερ τε πόνου καὶ οἰζύος) – e *não o resultado de uma decisão expressa e consciente pela paz e pela justa distribuição*. Na segunda parte da descrição da idade de ouro, relativa ao destino *post mortem* dos seus habitantes (vv. 121-126), segundo o qual eles passam a ser uma espécie de guardiães dos habitantes da idade de ferro, ocorrem dois termos (v. 124: ... τε δίκας καὶ σχέτλια ἔργα ...) que podem comportar uma carga moral no sentido referido acima. Hesíodo, no entanto, está aí a falar de um *tempo diferente*: do tempo presente (quer dizer, do tempo da idade de ferro), *no qual a alternativa bem/mal ou justiça/injustiça já se apresenta* – e se apresenta *como algo que tem de ser resolvido a partir da decisão dos seres humanos*.

³⁸ V. 108: (...) ὡς ὁμόθεν γεγάασι θεοὶ θνητοὶ τ’ ἄνθρωποι.

³⁹ Vv. 112-113: ὥστε θεοὶ δ’ ἔζων ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες, / νόσφιν ἄτερ τε πόνου καὶ οἰζύος (...).

entre o modo de vida dos *deuses* e o dos *seres humanos* manifestava-se na “*incorruptibilidade*”⁴⁰ destes últimos: não envelheciam, mantinham-se sempre iguais⁴¹; a ingenuidade e a inocência deles eram tais que viviam em festividades e livres de todo o mal⁴²; nem a morte lhes era dolorosa: morriam como quem adormece⁴³. Uma das marcas distintivas da idade de ouro – sobretudo na posteridade⁴⁴ – é o facto de a terra dar frutos em abundância, sem precisar de ser trabalhada⁴⁵. Em virtude dessa abundância e de não precisarem de trabalhar arduamente, os habitantes da idade de ouro não conheciam a inveja: partilhavam os alimentos e viviam em paz⁴⁶. Assim como as restantes características da idade de ouro, assim também a ausência de trabalho árduo e a paz social daí decorrente ligam bem com o que vimos estar implicado na simbologia do ouro: trata-se de características que promovem (e, ao mesmo tempo, exprimem) a *incorruptibilidade* e a *inocência* dos habitantes da idade de ouro.

Passemos a uma breve descrição das características da idade de ferro (vv. 174-201). Importa referir, desde logo, que a simbologia do ferro está ligada à ideia de *teimosia* e à de *persistência*, assim como a simbologia do bronze. É possível que a escolha do ferro, por parte de Hesíodo, se deva à circunstância de o ferro se revelar mais apropriado para descrever o seu tempo também

⁴⁰ Não há uma absoluta incorruptibilidade dos habitantes da idade de ouro, pois – apesar de, em vida, manterem a mesma constituição (cf. v. 114: ... αἰεὶ δὲ πόδας καὶ χεῖρας ὁμοῖοι ...) – acabam por morrer (cf. v. 116: θνήσκον ...). A sua morte – ainda que não seja o resultado de uma progressiva deterioração física – é, ainda assim, uma forma de corrupção. Hesíodo pretende retratar uma idade que, a despeito de todas as suas desejáveis características, é composta de membros que são *humanos* e, portanto, *têm de morrer*. Na descrição hesiódica da idade de ouro, a mortalidade funciona, por um lado, como forma de distinção entre os seres humanos (mesmo os mais perfeitos de entre todos os concebíveis) e os deuses; e, ao mesmo tempo, funciona também como a condição de possibilidade da própria degeneração sucessiva das idades, já que uma idade tem de se extinguir para poder dar lugar à seguinte. Todavia, como no mito das idades está em causa uma descrição comparativa de *idades humanas*, a ausência de envelhecimento (cf. vv. 113-114: οὐδέ τι δειλὸν / γῆρας ἐπῆν ...) e a leveza da chegada da morte (cf. v. 116: θνήσκον δ' ὥσθ' ὕπνω δεδμημένοι ...) na idade de ouro equivalem à expressão de uma *quase-incorruptibilidade* ou de uma *incorruptibilidade ao modo dos seres humanos*.

⁴¹ Vv. 113-114: οὐδέ τι δειλὸν / γῆρας ἐπῆν, αἰεὶ δὲ πόδας καὶ χεῖρας ὁμοῖοι (...).

⁴² V. 115: (...) τέρποντ' ἐν θαλίησι κακῶν ἔκτοσθεν ἀπάντων (...).

⁴³ V. 116: θνήσκον δ' ὥσθ' ὕπνω δεδμημένοι (...).

⁴⁴ Veja-se Baldry, “Who Invented the Golden Age?”, loc. cit., 84.

⁴⁵ Vv. 117-118: καρπὸν δ' ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον (...).

⁴⁶ Vv. 118-119: οἱ δ' ἔθειλημοὶ / ἦσυχοι ἔργ' ἐνέμοντο σὺν ἐσθλοῖσιν πολέεσσιν.

por ser o *metal então mais utilizado*.⁴⁷ De todo o modo, não foi certamente só por isso que Hesíodo escolheu o ferro para caracterizar o tempo em que viveu (e em que – em grande parte – também nós ainda vivemos); nem é certamente só por isso que o ferro se revela adequado para proceder a tal caracterização.

Como observámos anteriormente, a simbologia dos metais está associada também à ideia de qualidade moral. Ora, em virtude da sua *inferioridade (enquanto metal)* em relação a quase todos os metais utilizados na descrição das restantes idades (o ouro e a prata), o ferro serve para simbolizar aquele que nos parece ser o traço fundamental da idade de ferro: a *inferioridade (moral)*⁴⁸ dos seus habitantes – não só em relação aos da idade de ouro, mas também aos da idade de prata, aos da de bronze e aos da dos heróis.⁴⁹

Os vv. 183-196 de *Os trabalhos e os dias* dão testemunho da extrema *insensibilidade moral* que marca a idade de ferro – extrema ao ponto de os seus

⁴⁷ Até aqui, a nossa caracterização do ferro tem seguido de perto a de Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 106, ad v. 176. Todavia, como se tornará manifesto já de seguida, consideramos, ao contrário de Verdenius, que o recurso ao ferro, por parte de Hesíodo, tem que ver também, e sobretudo, com o facto de esse metal possuir um *valor simbólico altamente negativo* (cf., além da análise que se segue, a n. 34 do presente estudo).

⁴⁸ A escala fixada no mito das idades não parece possuir, *integralmente*, um carácter *moral* (vejam-se supra nn. 29 e 38). No entanto, como ficará mais claro na continuação, a descrição hesiódica da idade de ferro envolve uma *avaliação do carácter moral* dos seus habitantes, de tal modo que isso constitui *o centro da descrição hesiódica da idade em questão*. Nesse sentido, a inferioridade dos habitantes da idade de ferro equivale a uma *inferioridade de carácter moral*, ainda que tal possa implicar uma *transformação* ou uma *deslocação do princípio de construção do mito*.

⁴⁹ Como sugerimos atrás (n. 34), a *analogia* entre o *valor real* do ferro e o seu *valor simbólico não é perfeita*. Se, por um lado, do ponto de vista do seu *valor real*, o ferro *pode não ser menos valioso do que o bronze*, por outro, do ponto de vista do seu *valor simbólico*, é, sem dúvida, *o metal menos valioso de todos*. Nesse sentido, o *recurso ao ferro* na caracterização da quinta idade constitui, uma vez que os metais podem servir para simbolizar a qualidade (moral ou de outra natureza) dos seres humanos, uma forma de descrever os habitantes da quinta idade como *aqueles que estão no patamar mais baixo da escala de idades (efectivamente já existentes) traçada pelo mito*. Isso mesmo parece estar indicado nos vv. 174-176 de *Os trabalhos e os dias*: μηκέτ' ἔπειτ' ὄφελλον ἐγὼ πέμπτοισι μετεῖναι / ἀνδράσιν, ἀλλ' ἢ πρόσθε θανεῖν ἢ ἔπειτα γενέσθαι. / νῦν γὰρ δὴ γένος ἐστὶ σιδήρεον (...). Nestes vv., a circunstância de se tratar da idade *de ferro* é apresentada por Hesíodo como *evidência de que era preferível viver em qualquer outro tempo* (cf. v. 176: νῦν γὰρ δὴ γένος ἐστὶ σιδήρεον). Sobre o ferro como simbolizando insensibilidade moral, veja-se Most, "Hesiod's Myth of the Five (or Three or Four) Races", 124-125.

habitantes manifestarem um total desrespeito pelos pais já envelhecidos⁵⁰. Mas, segundo Hesíodo, outros aspectos (relacionados com a insensibilidade e a inferioridade morais para que apontámos) caracterizam a idade de ferro: o trabalho, o sofrimento e a preocupação, de noite e de dia⁵¹; a coexistência de bens e de males⁵²; o envelhecimento precoce e a iminência da destruição⁵³; a discórdia generalizada, as vinganças e os conflitos entre cidades⁵⁴; o predomínio da inveja⁵⁵.

Se prestarmos atenção aos traços da idade de ferro que sucintamente enunciámos, verificamos que têm uma clara relação com a *dureza de carácter* que se acha associada ao ferro⁵⁶; e percebemos, além disso, que tal dureza de carácter *fomenta* a (e é, ao mesmo tempo, o *espelho* ou o *reflexo* da) insensibilidade moral simbolizada pelo ferro.

VI

Depois desta breve descrição da idade de ouro e da idade de ferro, estamos mais bem preparados para proceder a um exame mais concreto das formas de temporalidade implicadas no mito das idades (em *Os trabalhos e os dias*). Do nosso ponto de vista, a forma de temporalidade *dominante* no mito é a temporalidade da *sucessão linear* das idades. Seria, na verdade, possível interpretar a descrição das várias idades, por parte de Hesíodo, como uma descrição de diferentes possibilidades (cuja execução pode ou não dar origem a diferentes “mundos”) subsistentes num mesmo tempo.⁵⁷ Esta interpretação não nos parece totalmente desprovida de sentido, pois julgamos que há como que “*sementes*” da idade de ouro na idade de ferro; e, portanto, concordamos com a tese de que existe, pelo menos neste caso, o “*envolvi-*

⁵⁰ Vv. 185-188: αἴψα δὲ γηράσκοντας ἀτιμήσουσι τοκῆας / μέμψονται δ’ ἄρα τοὺς χαλεποῖς βάζοντες ἐπεσιν, / σχέτλιοι, οὐδὲ θεῶν ὄπιν εἰδότες· οὐδὲ μὲν οἳ γε / γηράντεσσι τοκεῦσιν ἀπὸ θρεπτῆρια δοῖεν.

⁵¹ Vv. 176-178: οὐδέ ποτ’ ἦμαρ / παύσσονται καμάτου καὶ οἰζύος οὐδέ τι νύκτωρ / τειρόμενοι· χαλεπὰς δὲ θεοὶ δώσουσι μερίμνας.

⁵² V. 179: ἀλλ’ ἔμπης καὶ τοῖσι μεμείξεται ἐσθλὰ κακοῖσιν.

⁵³ Vv. 180-181: Ζεὺς δ’ ὀλέσει καὶ τοῦτο γένος μερόπων ἀνθρώπων, / εὗτ’ ἂν γεινόμενοι πολιοκρόταφοι τελέθωσιν.

⁵⁴ V. 189: χειροδίκαί· ἕτερος δ’ ἐτέρου πόλιν ἐξαλαπάξει (...).

⁵⁵ Vv. 195-196: Ζῆλος δ’ ἀνθρώποισιν οἰζυροῖσιν ἅπασιν / δυσκέλαδος κακόχαρτος ὀμαρτήσῃ, στυγερῶπης.

⁵⁶ A este respeito, veja-se MOST, “Hesiod’s Myth of the Five (or Three or Four) Races”, loc. cit., 124-125.

⁵⁷ Veja-se Smith, “History and the Individual in Hesiod’s Myth of Five Races”, loc. cit. (e, ainda, a n. 28 do presente estudo, onde discutimos a posição adoptada por Smith).

mento” de uma idade (a de ouro) na outra (a de ferro)⁵⁸. Todavia, o mito das idades está claramente “construído” por Hesíodo como um mito que descreve *diferentes idades*, que tiveram lugar em *diferentes momentos*. O advérbio *πρώτιστα* (v. 109), bem como os adjectivos *δεύτερον* (v. 127), *τρίτον* (v. 143), *τέταρτον* (v. 157) e *πέμπτοισι* (v. 174), não exprimem apenas a ordem da descrição das várias idades; apontam também para o facto de as diferentes idades terem tido lugar em diferentes momentos do tempo.⁵⁹

Mas, desde logo, estes elementos parecem chamar a atenção para a *deca-dência*, *degeneração* ou *deterioração* que se acha em causa na sucessão temporal das idades (assim como é descrita em *Os trabalhos e os dias*).⁶⁰ Ora, a

⁵⁸ Sobre o “envolvimento” da idade de ouro na idade heróica e o “envolvimento” da idade heróica na idade de ferro, vejam-se, respectivamente, secções VII e X.

⁵⁹ Vejam-se G. Wakker, “Die Ankündigung des Weltaltermythos (Hes. Op. 106-108)”, *Glotta*, 68, 1990, 88; Most, “Hesiod’s Myth of the Five (or Three or Four) Races”, 108-109; C. Calame, “Succession des âges et pragmatique poétique de la justice: le récit hésiodique des cinq espèces humaines”, *Kernos*, 17, 2004, 73, 76, 80; R. NÜNLIST, “Hesiod” in I. J. F. de Jong and R. Nünlist (edd.), *Time in Ancient Greek Literature: Studies in Ancient Greek Narrative*, vol. 2, Leiden, 2007, n. 1; Gagné, “Invisible Kin: *Works and Days* 280-285”, 9. Gatz, *Weltalter, goldene Zeit und sinnverwandte Vorstellungen*, 34, fala, até, de uma “Abstufung” ou gradação decrescente, deixando sugerido que as formas ordinais podem exprimir uma *ordem hierárquica das idades*; todavia, não desenvolve, tampouco demonstra, tal ideia.

⁶⁰ De facto, as formas ordinais – isto é, os advérbios e os adjectivos com um valor ordinal – constituem *elementos estruturantes* do mito hesiódico das idades; ao todo, são sete as ocorrências de formas ordinais no mito das idades (vv. 109: *πρώτιστα*, 127: *δεύτερον*, 142: *δευτεροι*, 143: *τρίτον*, 157: *τέταρτον*, 160: *προτέρη*, 174: *πέμπτοισι*; no entanto, aqui interessam-nos sobretudo as ocorrências dos vv. 109, 127, 143, 157 e 174). Se virmos bem, as formas ordinais representam elementos que se encontram na descrição de *todas* as idades apresentadas no mito (ao contrário do que se passa com outros elementos também estruturantes do mito, aos quais se costuma atribuir maior relevância, tais como a referência aos metais: lembre-se que a referência a metais se acha ausente na descrição da idade heróica; contudo, veja-se supra n. 25). Ora, em grego antigo, as formas ordinais podem servir para indicar a *posição de algo ou alguém no contexto de uma determinada hierarquia* (cf. *LSJ* s.u. *πρότερος* B.1.4); tal hierarquia pode ser apresentada em sentido ascendente ou em sentido descendente (no caso do mito hesiódico, a hierarquia das idades é apresentada em *sentido descendente*). No v. 142, encontramos a forma *δευτεροι*, a qual possui um *sentido inequivocamente hierárquico* e nos leva a pensar que *quase todas* as restantes formas ordinais envolvem o mesmo valor. A excepção está na idade heróica, que Hesíodo introduz como a quarta idade, mas que, do ponto de vista hierárquico, não se acha abaixo da terceira. É possível, no entanto, explicar o uso não-hierárquico de *τέταρτον* (v. 157) do seguinte modo: Hesíodo, na apresentação das diferentes idades, começou por utilizar um *esquema de formas ordinais com valor ao mesmo tempo enumerativo, cronológico e hierárquico*; mas, ao manter a utilização do mesmo esquema no momento em que introduz uma idade que está hierarquicamente acima da anterior (a este propósito, veja-se

decadência, degeneração ou deterioração, para que tais elementos parecem já apontar, está bem patente no texto do poema de Hesíodo; sempre que passa à descrição de uma nova idade, Hesíodo faz menção da qualidade dessa idade em relação à anterior: em relação ao γένος de ouro, o γένος de prata é χειρότερον⁶¹; o γένος de bronze é em nada semelhante ao γένος de prata⁶²;

a secção seguinte do presente estudo), *empobrece* o valor da respectiva forma ordinal *reduzindo-a ao seu valor meramente enumerativo e cronológico* (para logo de seguida, ao introduzir a quinta idade, *retomar o valor ao mesmo tempo enumerativo, cronológico e hierárquico* que as formas ordinais do mito possuíam originalmente: a idade de ferro equívale, com efeito, à quinta de entre as idades quanto à enumeração, à cronologia e à hierarquia). A respeito da utilização de πρώτος e afins em sentido hierárquico, vejam-se Van Groningen, *In the Grip of the Past: Essay on an Aspect of Greek Thought*, 16; W. H. Race, “How Greek Poems Begin”, *YCIS*, 29, 1992, 13-38. Em relação ao sentido hierárquico de δεύτερος, cf. *LSJ* s.u. A.1-3. Sobre a expressão proverbial δεύτερος πλοῦς em particular, cf. *CPG* 1.359-360, 2.24-25 (Leutsch-Schneidewin); Pl. *Phd.* 99c9-99d1, *Phlb.* 19c2-19c3, *Plt.* 300c2 (Burnet). Quanto à utilização de formas ordinais na apresentação de escalas descendentes, cf. *Orph. Fr.* 14 (KERN) (=Pl. *Phlb.* 66c8-66c9 [BURNET]); Pl. *Plt.* 297e1-297e6, *Lg.* 728c9-728d4, 739a1-739e7 (Burnet).

⁶¹ Cf. vv. 127-129: δεύτερον αὔτε γένος πολὺ χειρότερον μετόπισθεν / ἀργύρεον ποίησαν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες, / χρυσέω οὔτε φηὴν ἐναλίγκιον οὔτε νόημα. Sobre a inferioridade do γένος de prata em comparação com o de ouro, cf. também vv. 140-142: αὐτὰρ ἐπεὶ καὶ τοῦτο γένος κατὰ γαῖα κάλυψεν, / τοὶ μὲν ὑποχθόνιοι μάκαρες θνητοὶ καλέονται, / δεύτεροι, ἀλλ' ἔμπης τιμὴ καὶ τοῖσιν ὀπηδεῖ.

⁶² Cf. vv. 143-146: Ζεὺς δὲ πατὴρ τρίτον ἄλλο γένος μερόπων ἀνθρώπων / χάλκειον ποίησ', οὐκ ἀργυρέω οὐδὲν ὁμοῖον, / ἐκ μελιᾶν, δεινόν τε καὶ ὄβριμον, οἷσιν Ἄρηος / ἔργ' ἔμελε στονόεντα καὶ ὕβριες (...). O sentido de οὐκ ἀργυρέω οὐδὲν ὁμοῖον é *negativo*, quer dizer, exprime a *inferioridade* do γένος de bronze em relação ao de prata; isso é evidente em virtude de a expressão em causa ocorrer logo a seguir à referência ao bronze, ou seja, a um metal de *valor inferior à prata*; e, além disso, também se torna evidente pelo facto de a mesma expressão preceder a referência à *guerra* ou aos *actos próprios de Ares*, isto é, a algo com um carácter *negativo* e que se encontra *ausente da descrição da idade de prata*. Clay, *Hesiod's Cosmos*, 82, sustenta que não há indicações claras, da parte de Hesíodo, sobre se o γένος de bronze é inferior ao de prata. Julgamos, todavia, que a referência ao bronze e aos actos próprios de Ares, bem como o sentido de οὐκ ἀργυρέω οὐδὲν ὁμοῖον, representam claras indicações de tal inferioridade. Além disso, também no que diz respeito ao destino *post mortem* dos dois γένη, é manifesto que o de bronze é inferior ao de prata – cf. vv. 152-154: καὶ τοὶ μὲν χεῖρεςσιν ὑπὸ σφετέρησι δαμέντες / βῆσαν ἐς εὐρώεντα δόμον κρυεροῦ Ἄϊδαο, / νώνυμοι (...). Com efeito, em relação ao destino *post mortem*, ao passo que os membros do γένος de prata são acompanhados de *honra* (cf. vv. 140-142, em especial v. 142: ... τιμὴ καὶ τοῖσιν ὀπηδεῖ), os membros do γένος de bronze vêem o seu *nome apagado da memória humana* (cf. v. 154: ... νώνυμοι). Numa sociedade que tem a honra e o renome como dois dos *valores mais elevados*, esta diferença deve ser considerada como estando a apontar para a *inferioridade* do γένος de bronze em relação ao de prata. Considere-se também Currie, “Hesiod on Human History”, 47 n. 47.

enfim, o γένος de ferro é o mais indesejável de entre os já existentes⁶³.

De todas as etapas “a caminho” da idade de ferro descritas por Hesíodo, importa considerar sobretudo o facto de a situação dos habitantes da idade de ferro equivaler a uma *inversão completa* da situação dos habitantes da idade de ouro: se os habitantes da idade de ouro vivem como os deuses, na idade de ferro a situação é tal que Αἰδώς e Νέμεσις abandonam os seres humanos e vão para o Olimpo⁶⁴; se os habitantes da idade de ouro não envelhecem, na idade de ferro os seres humanos tendem a envelhecer prematuramente (cf. vv. 113-114 e vv. 180-181); na idade de ouro os males são inexistentes, ao passo que na idade de ferro há uma coexistência de bens e de males (cf. v. 115 e v. 179); na idade de ouro a terra não precisa de ser trabalhada para que dê frutos em abundância, ao passo que os habitantes da idade de ferro passam a vida cheios de trabalhos e cuidados (cf. vv. 117-118 e vv. 176-178); os habitantes da idade de ouro vivem em paz, porém os da idade de ferro vivem em conflitos (cf. vv. 118-119 e v. 189); os habitantes da idade de ouro partilham os alimentos, porém os da idade de ferro são invejosos⁶⁵. Há, assim, um claro e decisivo *paralelismo* entre as características da idade de ouro e as da idade de ferro (um paralelismo que não se parece verificar entre nenhuma

⁶³ Cf. vv. 174-176: μηκέτ' ἔπειτ' ὠφελλον ἐγὼ πέμπτοισι μετεῖναι / ἀνδράσιν, ἀλλ' ἢ πρόσθε θανεῖν ἢ ἔπειτα γενέσθαι. / νῦν γὰρ δὴ γένος ἐστὶ σιδήρεον (...). A propósito deste passo enquanto indicação de que o γένος de ferro está no patamar mais baixo da hierarquia traçada por Hesíodo, veja-se supra n. 50.

⁶⁴ Cf. v. 108 e vv. 197-200: καὶ τότε δὴ πρὸς Ὀλυμπον ἀπὸ χθονὸς εὐρουοδείης / λευκοῖσιν φάρεσσι καλυψαμένω χροά καλὸν / ἀθανάτων μετὰ φῦλον ἴτον προλιπόντ' ἀνθρώπους / Αἰδώς καὶ Νέμεσις (...).

⁶⁵ Cf. vv. 118-119 e vv. 195-196. Na descrição hesiódica da idade de ferro, abundam as formas verbais no tempo futuro. Isto, no entanto, não quer dizer que Hesíodo esteja a descrever uma idade que não existe de facto e que só existirá ulteriormente. Segundo Rosenmeyer, “Hesiod and Historiography”, 276-277, as formas verbais em questão equivalem a instâncias daquilo a que chama “deterministic future” e que explica como uma forma modal do tempo futuro que, na descrição da idade de ferro, serve para Hesíodo indicar que certos acontecimentos “are bound to occur, and will continue to occur for some time, as long as men remain iron”; por outras palavras, *enquanto os habitantes da idade de ferro continuarem a comportar-se de uma determinada maneira*. De um modo que julgamos perfeitamente compatível com a tese de Rosenmeyer, Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 106, ad v. 177, diz que, no mito das idades, Hesíodo “regards his own lifetime as the beginning of a period in which matters will become worse and worse”. Neste sentido, aquilo que Hesíodo indica na sua descrição da idade de ferro parece corresponder a um *estado-de-coisas com uma tendência para se agravar* e cujo agravamento *pode acabar por levar à destruição completa da idade em questão*. Tal, porém, não significa que a tendência em vigor seja irreversível e que a idade de ferro não possa regenerar-se. É para a reversibilidade dessa tendência que parece apontar o v. 179. A este respeito, veja-se, sobretudo, a secção VIII do presente estudo.

das restantes idades⁶⁶); o que leva a concluir que o mito de Hesíodo está “construído” em torno da idade de ouro e da idade de ferro (que, se assim se pode dizer, o mito se acha “centrado” na relação entre os seus extremos).⁶⁷

VII

Mas, como se indicou anteriormente⁶⁸, no mito de Hesíodo também se pode verificar a existência de uma temporalidade “regressiva” ou *cíclica*; desde logo, quando Hesíodo, após a descrição da idade de bronze, introduz a idade heróica e a caracteriza como melhor e mais justa do que a anterior (v. 158). Isso significa, como parece evidente, que o movimento de degeneração sucessiva das idades sofre uma *interrupção*⁶⁹. Ora, como também resulta claro, o movimento de degeneração não é apenas interrompido; mais do que isso, sofre uma “*inversão*”: da idade de bronze para a idade heróica, dá-se um melhoramento da qualidade moral dos seres humanos. Não se pode, porém, falar de uma inversão no sentido em que o tempo volta para trás, já que da idade de bronze não se regressa à idade de prata nem a nenhuma outra das idades que a precedem; pode, sim, falar-se de uma *regeneração moral*, uma vez que há um efectivo melhoramento nesse sentido.

⁶⁶ Existe, vendo bem, um paralelismo também entre a idade de ouro e a heróica; e, além disso, entre a idade heróica e a de ferro. Tais paralelismos, porém, são menos fundamentais, no que tem que ver com a “construção” do mito, do que aquele entre a idade de ouro e a de ferro. A consideração deles fica, entretanto, reservada para as secções VII e X deste estudo.

⁶⁷ A apropriação do mito das idades a partir do destaque dos dois limites da hierarquia apresentada por Hesíodo foi feita por Platão em *Plt.* 268d5-274e4 (Burnet). A nossa leitura difere, como parece evidente, da de Platão. Do ponto de vista da atribuição de relevo a certas idades, todavia, estamos de acordo com a atitude do filósofo (ou melhor, com a atitude da personagem do Estrangeiro, que é quem conta o mito do *Político* de Platão).

⁶⁸ Veja-se supra secção I.

⁶⁹ Sobre a perspectiva segundo a qual a introdução da idade heróica não corresponde a uma interrupção na degeneração das idades, vejam-se M.-C. Leclerc, “Le mythe des races: une fiction aux sentiers qui bifurquent”, *Kernos*, 6, 1993, 218-219; A. Ballabriga, “L’invention du mythe des races en Grèce archaïque”, *RHR*, 215, 1998, 336; Nelson, *God and the Land: The Metaphysics of Farming in Hesiod and Vergil*, 70-74. Para Vernant, “Le mythe hésiodique des races. Essai d’analyse structurale”, *loc. cit.*, 261, a idade problemática não é a dos heróis mas a de ferro – uma vez que, segundo a sua interpretação, o que está em causa no mito das idades não é a degeneração mas o jogo de antinomias entre as idades. Em “Le mythe hésiodique des races. Sur un essai de mise au point”, 318, Vernant diz inclusivamente que a idade de ferro produz uma distorção na estrutura funcional – como se fosse o mito das idades que tivesse de espelhar essa estrutura e não ela que tivesse de ser posta à prova na sua capacidade de interpretar o mito hesiódico. A propósito do sentido global da interpretação de Vernant, considere-se supra n. 11.

Na passagem da idade de bronze à idade heróica, dá-se, com efeito, uma interrupção do movimento de degeneração das idades; e, em certo sentido, dá-se uma “*regressão*” do tempo, se se considerar que o tempo da sucessão das idades tem, até aqui, coincido com o tempo do decurso da degradação delas⁷⁰; mas, como veremos melhor, trata-se de uma regressão *parcial e temporária*. Ora, a demonstração de tal parcialidade e temporariedade levar-nos-á a questionar a centralidade dessa regressão na construção global do mito das idades por parte de Hesíodo.

As dúvidas a tal respeito poderiam acentuar-se caso se aceitasse a seguinte tese: o mito das idades tem uma origem oriental; Hesíodo criou uma nova versão do mito e introduziu a idade heróica entre a idade de bronze e a

⁷⁰ Neste sentido, com a introdução da idade heróica, o mito deixa, temporariamente, de estar regido pela *coincidência* entre a *temporalidade da sucessão* e a *temporalidade da degeneração*. Dito de outro modo, o aparecimento da idade heróica revela que a temporalidade da sucessão e a temporalidade da degeneração são *duas formas de temporalidade diferentes*, as quais podem *coincidir* ou *não coincidir*. Isso significa que, ao longo do mito hesiódico das idades, há uma forma de temporalidade que *se mantém* (a saber, a temporalidade da sucessão ou a temporalidade cronológica) e duas outras formas de temporalidade *alternáveis* (designadamente, a temporalidade da *degeneração* e a temporalidade da *regeneração*; em certo sentido, estas formas de temporalidade podem ser vistas como *duas expressões de uma só forma mais fundamental de temporalidade*, apelidável de *temporalidade qualitativa das idades*). Conforme se produza uma confluência entre a temporalidade da sucessão e a da degeneração ou entre a temporalidade da sucessão e a da regeneração (numa palavra, uma *confluência entre a temporalidade da sucessão e a temporalidade qualitativa numa ou noutra das suas expressões*), têm lugar *duas formas globais de temporalidade diferentes entre si*. No primeiro caso, tem lugar uma forma global de temporalidade que se pode caracterizar como *linear*; no segundo caso, tem lugar uma forma global de temporalidade com um carácter “*regressivo*” em sentido restrito. Portanto, quando falamos de temporalidade “*regressiva*” em sentido restrito, está em causa a *confluência entre a temporalidade da sucessão e a da regeneração*; tal confluência produz uma forma global de temporalidade que é “*regressiva*” e que pode ter o carácter de *algo já efectivamente existente* ou o carácter de *algo que constitui uma mera possibilidade ainda não existente*. O carácter *propriamente “regressivo”* de tais formas globais de temporalidade “*regressivas*” tem que ver com o facto de se constituírem por “*regressão*”, “*reversão*” ou “*inversão*” da temporalidade há pouco definida como *linear*, a qual consiste na temporalidade dominante no mito hesiódico das idades. O que acabamos de apresentar como a constituição da temporalidade “*regressiva*” em sentido restrito (ou seja, enquanto envolve apenas a “*regressão*” da temporalidade linear) consiste numa *condição necessária mas não suficiente da constituição da temporalidade cíclica* (quer dizer, da temporalidade “*regressiva*” em sentido reforçado). Noutros termos, a temporalidade *propriamente cíclica* só vê *completado* o processo da sua *constituição* ou *formação* quando *se volta* à (quando se dá uma “*regressão*” da “*regressão*” da) temporalidade *linear*, a qual envolve a degeneração das idades.

idade de ferro⁷¹. Não cabe aqui discutir a correcção desta tese; cabe apenas referir que – quer tenha pertencido desde sempre a um mito que é de Hesíodo, quer tenha sido introduzida pelo poeta num mito ou num modelo que herdou da tradição oriental – a idade heróica *faz parte do mito das idades tal como este chegou até nós* e é partindo desse facto que o mito deve ser interpretado. Ora, levando em conta o significado da idade heróica para a interpretação do mito das idades, podemos dizer que ela dá expressão, no contexto desse mito, a uma *forma de temporalidade “regressiva”*; mais do que isso, ela constitui um dos passos a caminho do aparecimento da primeira⁷² manifestação de uma *forma de temporalidade propriamente cíclica*, já que, depois de um *melhoramento temporário, a degeneração das idades é retomada*, com a passagem da idade heróica à idade de ferro.

Torna-se, assim, claro que a regressão operada pela introdução da idade heróica tem um carácter *temporário*; de facto, tal regressão *não se mantém* por mais do que o tempo correspondente à existência da idade heróica e é ela própria *objecto de “regressão”*. Se, por um lado, é verdade que a “regressão” da regressão operada pela introdução da idade heróica é *conditio sine qua non* para que se constitua a *ciclicidade*⁷³ da temporalidade do mito das idades, por outro lado, sucede que ela atesta a *fraqueza* ou *fragilidade* da primeira regressão; com efeito, esta não tem a força ou consistência suficiente para não ceder ou não se dissolver (para que a idade heróica *continue a existir* ou para que o sentido da temporalidade da sucessão das idades *persevere enquanto regeneração*: não volte a cair na degeneração).

Até agora, porém, temos falado da regressão produzida pela inserção da idade heróica apenas enquanto interrupção do processo de degeneração das idades. Contudo, o aparecimento da idade heróica tem o efeito de uma regressão também no sentido de um “*regresso*” (quer dizer, também no sentido em que procura interromper o processo de degeneração das idades a partir de uma *adopção de condições de vida* que se inspira em condições de vida *existentes numa idade anterior*). Ora, por relação àquilo a que a idade

⁷¹ Vejam-se, a título de exemplo, West, *Hesiod: Works & Days*, 173-176; Clay, *Hesiod's Cosmos*, 81-82 (quer West quer Clay sustentam que a introdução da idade heróica no mito se deve à circunstância de Hesíodo procurar respeitar a tradição cultural grega; a este propósito, veja-se ainda Solmsen, *Hesiod and Aeschylus*, 83-84 n. 27). Todavia, Most, “Hesiod's Myth of the Five (or Three or Four) Races”, 120-127, mostra que a tradição épica grega contém elementos que terão permitido a Hesíodo criar o mito das idades sem precisar de recorrer a nenhum modelo oriental. Sobre a posição contrária à de Most (e sobre a comparação entre o método de Hesíodo e o de Heródoto na inclusão de elementos orientais nas suas narrativas), considere-se Currie, “Hesiod on Human History”, 58-64.

⁷² Quanto à segunda manifestação e sua complexidade, vejam-se as secções VIII-X.

⁷³ Como veremos, a ciclicidade da segunda manifestação da temporalidade cíclica depende da constituição da ciclicidade da primeira manifestação.

heróica pretende “regressar” – a saber, a *idade de ouro* –, poder-se-á compreender de que modo a regressão produzida pela introdução da idade heróica equivale a uma regressão somente *parcial*.

Vejam, em primeiro lugar, em que medida se pode entender aquilo que está em causa na idade heróica como um “regresso” à idade de ouro; por outras palavras, consideremos os *paralelos positivos*⁷⁴ entre a idade heróica e a idade de ouro (na verdade, são tais paralelos que nos permitem sustentar que a idade heróica aspira a um “regresso” à *idade de ouro*). Desde logo, tal como os habitantes da idade de ouro⁷⁵, os habitantes da idade heróica têm o seu θυμός livre de cuidados ou preocupações⁷⁶. Além disso, à semelhança do que acontece na idade de ouro, em que a terra dá frutos incessantemente e em abundância sem precisar de ser cultivada⁷⁷, na idade heróica a terra dá frutos três vezes por ano⁷⁸.

Em que medida, em segundo lugar, se pode dizer que o “regresso” da idade heróica à idade de ouro é *parcial*? Ora, esse “regresso” é parcial em diversos sentidos. Por um lado, é parcial em virtude de *nem toda a descrição* da idade heróica poder ser considerada como “regresso” à idade de ouro.

⁷⁴ Ao contrário do que sucede com os paralelos entre a idade de ferro e a de ouro – os quais são de dois tipos (a saber, positivos e negativos; a respeito dos positivos, vejam-se infra secções VIII-IX) –, os paralelos entre a idade heróica e a de ouro são *exclusivamente positivos*.

⁷⁵ Vv. 112-113: (...) ὥστε θεοὶ δ' ἔζων ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες, / νόσφιν ἄτερ τε πόνου καὶ οἰζύος (...).

⁷⁶ Vv. 170-171: (...) καὶ τοὶ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες / ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ἰκεανὸν βαθυδίην (...). Note-se a identidade da expressão ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες nos vv. 112 e 170.

⁷⁷ Vv. 117-118: (...) καρπὸν δ' ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον (...). Ἄφθονον aponta para a ideia de que a terra não se recusa a dar frutos. Julgamos que o termo envolve aqui a ideia da *continuidade no tempo*, quer dizer, a de que a terra *nunca* se recusa a dar frutos, a de que ela dá frutos *sem cessar*. Se a terra desse frutos só durante alguns períodos, tal implicaria que nos restantes ela estaria a recusar-se a fazê-lo.

⁷⁸ Vv. 172-173: (...) ὄλβιοι ἦρωες, τοῖσιν μελιδέα καρπὸν / τρις ἔτεος θάλλοντα φέρει ζείδωρος ἄρουρα. O facto de os habitantes da idade heróica terem um θυμός despreocupado parece-nos excluir a possibilidade de necessitarem de cultivar a terra para que esta lhes dê o seu fruto. Atente-se na identidade da expressão ζείδωρος ἄρουρα nos vv. 117 e 173 (o carácter formulaico de tal expressão não nos deve dissuadir de considerar que Hesíodo parece estar a apontar para um paralelo decisivo entre a idade heróica e a idade de ouro). A circunstância de a terra dar frutos três vezes por ano equivale a uma referência à abundância de que gozavam os habitantes da idade heróica; veja-se Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 104, ad v. 173.

Se virmos bem, uma parte significativa⁷⁹ dessa descrição está dedicada aos *actos guerreiros* dos habitantes da idade heróica e à circunstância de alguns destes últimos *acabarem por morrer* na guerra⁸⁰. Por outro lado, o “regresso” em questão é parcial uma vez que *só alguns* dos habitantes da idade heróica chegam a ir habitar nas Ilhas dos Bem-aventurados, enquanto aos restantes coube o destino da morte (vv. 166-171). Por último, o carácter parcial do “regresso” em causa tem que ver com os habitantes da idade heróica *não receberem plenamente* a vida que era a dos habitantes da idade de ouro. Antes do mais, porque *nem todas as características* da vida dos habitantes da idade de ouro parecem marcar a vida dos habitantes da idade heróica nas Ilhas dos Bem-aventurados: as semelhanças entre a descrição das características da vida dos habitantes da idade heróica e a descrição das características da vida dos habitantes da idade de ouro *restringem-se* aos temas da despreocupação do θυμός (v. 170) e da fertilidade da terra (vv. 172-173), quando a descrição da vida dos habitantes da idade de ouro inclui muitos outros aspectos⁸¹

⁷⁹ São seis versos no total (vv. 161-166), metade dos doze versos dedicados à descrição das condições de vida da idade heróica (vv. 161-173). Os primeiros cinco versos (vv. 156-160) servem apenas para introduzir a idade heróica na sua relação com a anterior (vv. 156-158), no seu carácter (vv. 158-160) e na sua proveniência (vv. 159-160). Segundo WEST, *Hesiod: Works & Days*, op. cit., p. 91, ad vv. 159 e 160, θεῖον γένος e ἡμίθεοι referem-se, entre outras coisas, à descendência divina dos habitantes da idade heróica. No entanto, de acordo com VERDENIUS, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 99-100, ad v. 160, ἡμίθεοι não aponta para a ideia de descendência divina, mas para a ideia de que os habitantes da idade heróica são quase-deuses. Seja como for, Hesíodo não estabelece nenhuma relação expressa entre tais designações e as condições de vida dos habitantes da idade heróica.

⁸⁰ Vv. 161-171: καὶ τοὺς μὲν πόλεμος τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνῆ / τοὺς μὲν ὑφ’ ἐπταπύλω Θήβη, Καδμηίδι γαίη, / ὤλεσε μαρναμένους μῆλων ἔνεκ’ Οἰδιπόδοιο, / τοὺς δὲ καὶ ἐν νήεσσιν ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης / ἐς Τροίην ἀγαγὼν Ἑλένης ἔνεκ’ ἠυκόμοιο. / ἔνθ’ ἦ τοι τοὺς μὲν θανάτου τέλος ἀμφοεκάλυψεν, / τοῖς δὲ δίχ’ ἀνθρώπων βίσιον καὶ ἦθε’ ὀπάσσας / Ζεὺς Κρονίδης κατένασσε πατὴρ ἐς πείρατα γαίης, / καὶ τοὶ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες / ἐν μακάρων νήσοισι παρ’ Ὠκεανὸν βαθυδίνην (...). Alguns comentadores defendem que todos os heróis morrem, mesmo aqueles que não habitam nas Ilhas dos Bem-aventurados; Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 102, ad τοῖς, fornece referências sobre defensores dessa tese. Isso, contudo, não é dito no texto e a construção (...) τοὺς μὲν (...) τοῖς δὲ (...), nos vv. 166-167, permite distinguir claramente aqueles que morrem daqueles que vão habitar nas referidas ilhas.

⁸¹ Seria possível apresentar a objecção de que muitas das características da vida dos habitantes da idade de ouro estão presentes, por implicação, na descrição das características da vida dos habitantes da idade heróica. O facto, porém, de essas características não estarem explicitadas não permite afirmar com segurança tal presença. Neste sentido, a diferença nos termos expressos em que é feita cada uma dessas descrições será conside-

– como sejam a ausência de envelhecimento (vv. 113-114), o comprazimento nas festividades (v. 115), a leveza da morte (v. 116), a pacificidade (v. 119), a partilha dos bens (vv. 118-119), a abundância de gado ovino (v. 120), a honra de estarem presentes depois da morte entre os seres humanos actuais na condição de seus guardiães⁸². Depois, porque, no que diz respeito às características da vida dos habitantes da idade heróica que são semelhantes às da vida dos habitantes da idade de ouro, o modo de acolhimento destas por parte daqueles não passa de uma “*aproximação*” ao que era a vida na idade de ouro: os habitantes da idade heróica vivem com o θυμός despreocupado e beneficiam da fertilidade da terra, mas longe dos restantes seres humanos⁸³; além disso, o facto de a terra dar frutos três vezes por ano (vv. 172-173) consiste numa forma de abundância que fica aquém daquela de que

rada como uma *diferença quanto ao conteúdo concreto das condições de vida* presentes em cada uma das idades em questão.

⁸² Vv. 121-126. Dado que os habitantes da idade de ouro tornam a viver na qualidade de δαίμονες guardiães dos seres humanos actuais, gozam, ao que tudo indica, de imortalidade.

⁸³ Vv. 167-171 (em especial, v. 167). O facto de os habitantes da idade heróica irem viver *apartados dos restantes seres humanos* está em manifesto contraste com a circunstância de os habitantes da idade de ouro irem habitar, após a morte e o subsequente renascimento, *entre os seres humanos mortais* enquanto seus guardiães (a este respeito, veja-se Ballabriga, “L’invention du mythe des races en Grèce archaïque”, 336). Se o destino *post mortem* dos habitantes da idade de ouro corresponde a um aspecto *positivo* (cf. v. 126, no qual Hesíodo indica que tal destino equivale à concessão de um γέρας βασιλῆιον ou privilégio real), o afastamento do resto da humanidade, o qual marca a vida dos heróis nas Ilhas dos Bem-aventurados, parece, por contraste, consistir num aspecto *negativo* ou *menos positivo* (cf. vv. 167 e 168, nos quais Hesíodo enfatiza esse afastamento e não o conecta directamente com nenhum dos aspectos positivos das condições de vida dos heróis). Ora, se tal contraste permite ver que o afastamento dos heróis em relação aos restantes seres humanos pode equivaler a um aspecto negativo, a *parcialidade do “regresso”* da idade heróica à idade de ouro estará associada também à circunstância de o paralelo ou a “*aproximação*” entre as características da idade heróica e as características da idade de ouro representar um paralelo ou uma “*aproximação*” entre características *descritas em contextos diferentes* ou *em contextos de estatuto desigual* e, por consequência, um paralelo ou uma “*aproximação*” entre *características diferentes* ou *de estatuto desigual*. G. Nagy, *The Best of the Achaeans: Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry* (Baltimore and London, 1979), 168-169, identifica o paralelo entre a idade heróica e a idade de ouro a respeito dos temas da despreocupação do θυμός e da fertilidade da terra e refere-se a isso como reflexo de uma plena circularidade desde a idade heróica até à idade de ouro. No entanto, não atenta na diferença de contexto das descrições nem na consequente diferença de estatuto das características descritas. Ou seja, não atenta em algo que torna o paralelo ou o “*regresso*” da idade heróica à idade de ouro num paralelo ou num “*regresso*” parcial. Neste sentido, considere-se também a posição de Vernant (supra n. 11).

gozavam os habitantes da idade de ouro (segundo a qual a terra dava frutos incessantemente⁸⁴).⁸⁵

Seja como for, na descrição hesiódica da idade heróica, há um “*cruzamento*” entre duas idades, a saber, a idade heróica e a idade de ouro. Isso significa, noutros termos, que *a idade de ouro está presente na idade heróica* enquanto *modelo/ideal* de que esta se “*aproxima*” ou a que esta “*regressa*”. Em virtude das *limitações* desse “*regresso*”, está em causa a presença da idade de ouro na idade heróica *ao modo da idade heróica*.

VIII

A “*regressão*” da idade heróica em direcção à de ouro, conjuntamente com a “*regressão*” dessa “*regressão*”, representam a primeira manifestação da temporalidade cíclica no mito hesiódico das idades; e, pelas razões que aduzimos, equivale a uma manifestação temporária e parcial. Há, no entanto, uma outra manifestação da temporalidade cíclica no mito, a qual nos interessa agora considerar na sua especificidade; trata-se da possibilidade de a idade de ferro se aperfeiçoar e “*aproximar*” da idade de ouro. Está, porém, em causa apenas a *possibilidade* da “*regressão*” ou “*regresso*” (do aperfeiçoamento da idade de ferro e sua “*aproximação*” à idade de ouro) e não a efectiva realização disso. Tal significa que o problema da segunda manifestação da temporalidade cíclica no mito hesiódico tem de ser suscitado levando em linha de conta a *alternativa* com que a idade de ferro se acha constantemente confrontada: escolher o bem e a justiça (e assim aperfeiçoar-se moralmente e “*aproximar-se*” da idade de ouro) ou o mal e a injustiça (e desse modo decair para uma sexta idade não nomeada por Hesíodo, a qual equivale à degeneração completa da sociedade humana).

⁸⁴ V. 118. Na sua identificação do paralelo entre a idade heróica e a idade de ouro, Nagy, *The Best of the Achaeans: Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*, 168-169, passa por cima desta diferença e deixa sugerida a existência de um paralelo total no que toca ao tema da fertilidade da terra.

⁸⁵ É em virtude de todos estes aspectos relativos à parcialidade do “*regresso*” da idade heróica à idade de ouro que a temporalidade cíclica envolvida na idade heróica só se constitui após a “*regressão*” de tal “*regresso*” (veja-se supra n. 71 in fine). Porque o “*regresso*” da idade heróica à idade de ouro é parcial (de uma parcialidade com as dimensões agora descritas), *não se chega a formar propriamente um ciclo*. Pois, ao ficar “*retida a meio caminho*” da idade de ouro (ao executar um “*regresso embargado*” a essa idade), a idade heróica *não chega a “atingi-la” ou “unir-se” a ela*. Por esta razão, só se constitui uma temporalidade propriamente cíclica no momento em que a degeneração se restabelece e se produz a dupla “*regressão*” – a dupla “*flexão*” ou “*dobra*” – que *passa a configurar um “círculo” ou “anel”*.

A alternativa agora traçada não é expressamente referida por Hesíodo no mito das idades; mas, vendo bem, está presente nele e ao longo de *Os trabalhos e os dias*. O v. 175 constitui um primeiro testemunho da existência de uma *sexta idade* no mito hesiódico; aí, o poeta exprime o desejo de não ter vivido entre os habitantes da idade de ferro: preferia ter morrido antes ou nascido depois (... ἢ πρόσθε θανεῖν ἢ ἔπειτα γενέσθαι). Por meio deste verso, sugere-se que também a idade que se segue à de ferro pode ser melhor do que esta, já que parece ser por isso que Hesíodo pode desejar ter nascido depois da idade em que vive⁸⁶. O v. 201 mostra, contudo, que tal melhoramento é só uma possibilidade; aí, Hesíodo refere que, uma vez que Αἰδώς e Νέμεσις tenham abandonado os seres humanos, já não haverá defesa ou resistência contra o mal⁸⁷.

⁸⁶ Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 105, ad v. 175, sustenta que ἔπειτα γενέσθαι constitui “a rhetorical complement to πρόσθε θανεῖν” e que a expressão ἢ πρόσθε θανεῖν ἢ ἔπειτα γενέσθαι pretende comunicar que Hesíodo “would have preferred to live at any time but the present one (Maz[on])”. A nosso ver, porém, isso não significa – como Verdenius sustenta – que o conteúdo da expressão “cannot be meant seriously”. Como trataremos de mostrar na continuação da nossa análise, na descrição da idade de ferro há elementos que permitem concluir que os seres humanos estão postos perante uma *alternativa entre duas formas distintas – uma justa, a outra injusta – de uma idade ulterior à idade de ferro actual* e que Hesíodo parece estar a falar a sério quando diz que preferia ter nascido antes da idade de ferro actual ou depois (*no caso em que esse período corresponda à versão justa da sexta idade*). Para uma posição semelhante à nossa sobre esta matéria, veja-se Cordero, “Passé mythique et présent historique chez Hésiode”, 86-87. Vernant, “Le mythe hésiodique des races. Essai d’analyse structurale”, 258-259, refere que o mito das idades está construído com base numa temporalidade cíclica, no sentido em que o fim da idade de ferro significa um recomeço de todo o ciclo das idades a partir da idade de ouro. Em “Le mythe hésiodique des races. Sur un essai de mise au point”, loc. cit., 307, Vernant defende que é no fim da idade de ferro, na consumação da sua tendência para a ὕβρις, que culmina a temporalidade cíclica do mito na sua globalidade. Sucede, porém, que o recomeço do ciclo das idades a partir do fim da idade de ferro não está atestado no texto de *Os trabalhos e os dias* (tal recomeço tornaria, vendo bem, algo absurda a intenção hesiódica de travar a degeneração moral da idade de ferro); assim, ao contrário do que sustenta Vernant, só se manifesta uma forma de temporalidade cíclica no que diz respeito à idade de ferro se a sua tendência para a ὕβρις se inverter (e isso pelas razões já invocadas e outras que se continuarão a apresentar na continuação).

⁸⁷ (...) κακοῦ δ’ οὐκ ἔσσειται ἀλκή. O v. 201 não diz que a ausência de defesa ou resistência contra o mal é inevitável. Em conformidade com a leitura que fazemos do significado das formas verbais do futuro na descrição da idade de ferro (veja-se supra n. 66), tal só sucederá caso a tendência de comportamento actual na idade de ferro se mantiver. Com efeito, segundo o v. 179, os bens estarão misturados com os males (... μεμείξεται ἔσθλὰ κακοῖσιν). Ou seja, até que a degeneração da idade de ferro seja total, *continuará a haver a possibilidade de executar acções justas* que levarão os deuses à concessão de prosperidade aos seres humanos; sobre o significado de ἔσθλὰ como pros-

Estamos, então, perante *dois diferentes destinos* para a idade de ferro: o melhoramento ou a extrema degeneração. Ora, segundo *Os trabalhos e os dias*, a adopção de um ou outro destes dois rumos está *nas mãos dos habitantes da idade de ferro*. Podemos ver que é assim a partir da relação geral que o mito das idades tem com *Os trabalhos e os dias* na sua totalidade. De facto, só se a adopção de um dos rumos apresentados estiver nas mãos dos habitantes da idade de ferro é que faz sentido que Hesíodo dedique a maior parte de *Os trabalhos e os dias* a ensinamentos que são verdadeiras regras de comportamento para com os outros (cf. vv. 335-380, 694-723), os deuses (cf. vv. 335-380, 724-764) e os ciclos do tempo e da natureza⁸⁸; ou, dito de

peridade, veja-se Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 82, ad ἔσθλά. Também no v. 179 o uso modal do futuro indica que se trata de uma tendência que se pode consolidar se a execução de acções justas perseverar. Quando aqui falamos de uma *sexta idade*, estamos a falar de *qualquer uma das idades que podem resultar da consolidação de uma ou outra das duas tendências de comportamento presentes na idade de ferro* (a saber, a tendência para a execução de acções justas e a tendência *actualmente predominante* para a injustiça). A sexta idade não tem, portanto, um conteúdo previamente definido, mas *depende da natureza das acções dos seres humanos*. No v. 180, Hesíodo fala da destruição da idade de ferro por parte de Zeus: Ζεὺς δ' ὀλέσει καὶ τοῦτο γένος μερόπων ἀνθρώπων (...). Trata-se, na verdade, do *resultado final da tendência predominante da idade de ferro para a injustiça*. Como parece claro, nenhuma das versões da sexta idade para que estamos a apontar corresponde ao perecimento da idade de ferro, pois isso conduzirá à ausência de qualquer idade; vendo bem, qualquer uma das versões da sexta idade representa uma *transformação interna da idade de ferro*, pelo que *não pode ser precedida do desaparecimento dela*. Deste modo, quando nos referimos à sexta idade na sua versão injusta, está em causa uma *configuração temporária e extrema do encaminhamento actual da comunidade humana para o seu desaparecimento*. Por seu turno, a sexta idade na sua versão justa consiste numa *reconfiguração ou regeneração do quadro comportamental – e seus efeitos – actualmente predominante na idade de ferro*. Numa palavra, as duas versões da sexta idade representam *modalidades opostas da idade de ferro*; ou, se quisermos, a sexta idade será, em qualquer uma das versões que vier a prevalecer, uma *idade interna à idade de ferro*.

⁸⁸ Cf. vv. 381-693, 765-821. O final de *Os trabalhos e os dias* (vv. 822-828) faz menção conjunta destes aspectos: αἶδε μὲν ἡμέραι εἰσὶν ἐπιχθονίους μέγ' ὄνειαρ / αἶ δ' ἄλλαι μετὰ δουποι, ἀκήριοι, οὗ τι φέρουσαι, / ἄλλος δ' ἄλλοιην αἰνεῖ, παῦροι δέ τ' ἴσασιν / ἄλλοτε μητριῇ πέλει ἡμέρη, ἄλλοτε μήτηρ / τάων. εὐδαίμων τε καὶ ὄλβιος, ὃς τάδε πάντα / εἰδὼς ἐργάζηται ἀνάιτιος ἀθανάτοισιν, / ὄρνιθας κρίνων καὶ ὑπερβασίας ἀλεείνων. Como a fórmula εὐδαίμων τε καὶ ὄλβιος (v. 826) indica, a prática do bem e da justiça traz consigo prosperidade material concedida pelos deuses. Sobre o significado de ὄλβιος, εὐδαίμων e afins, vejam-se N. J. Richardson (ed.), *The Homeric Hymn to Demeter* (Oxford, 1974), 310-311, ad *Hom. Hymn Dem.* 480-482, 314, ad *Hom. Hymn Dem.* 480; Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 104, ad ὄλβιοι. Neste estudo, seguimos de perto a divisão e a categorização do poema hesiódico – simples, mas claras e acertadas – feitas por Most, *Hesiod: Theogony*,

outro modo, só assim faz sentido que Hesíodo ponha o mito das idades antes de tais ensinamentos⁸⁹. O mito das idades serve, entre outras coisas, para explicar a origem do mal e da injustiça⁹⁰, sim – mas também para fornecer pistas sobre *como se pode agir bem e justamente*; o mito fornece essas pistas quando, na descrição da idade de ferro, se sugere a possibilidade de inverter a tendência para a prática do mal e da injustiça (a qual inversão consistirá na dedicação ao trabalho⁹¹, no respeito pelos outros e pelos deuses⁹²).

Mas concentremo-nos na descrição hesiódica da idade de ferro, com o propósito de determinarmos se nesta se acha “*presente*” a idade de ouro e de que modo nela pode estar dada a possibilidade de uma “*aproximação*” a tal idade. Ora, se levarmos em linha de conta que a tendência actual dos habitantes da idade de ferro tem como resultado aspectos que reflectem um paralelismo negativo em relação à de ouro, torna-se claro que a *inversão de tal tendência* conduzirá a uma “*aproximação*” a esta idade. Noutros termos, a inversão da tendência predominante na idade de ferro produzirá uma inversão do sentido do paralelismo, que *de negativo passará a positivo*⁹³. Além disso, há um outro aspecto que, embora não pertença à descrição da idade de ferro, permite apresentar de modo mais consistente a ligação entre a idade de ferro e a de ouro. Com efeito, no final da descrição da idade de ouro, Hesíodo diz que os seus habitantes, após a morte e sob a forma de δαίμονες, renascem como guardiães dos habitantes do tempo presente (ou seja, dos ha-

Works and Days, Testimonia, xxxvi-xxxvii.

⁸⁹ Como pergunta Cordero, “Passé mythique et présent historique chez Hésiode”, 86: “Mais si tout est déjà décidé, quelle serait la signification des exhortations privilégiant la justice et rendant un véritable culte au travail, à l’amitié, et surtout, aux divinités?”

⁹⁰ A este propósito, veja-se supra secção II.

⁹¹ Cf. vv. 176-178: (...) οὐδέ ποτ’ ἦμαρ / παύσονται καμάτου καὶ οἰζύος οὐδέ τι νύκτωρ / τειρόμενοι· χαλεπὰς δὲ θεοὶ δώσουσι μερίμνας. Estes vv., conjuntamente com o v. 179, referem-se àquilo que continuará a acontecer mesmo que se inverta a tendência actualmente predominante na idade de ferro (na verdade, só do v. 180 para diante se passa a descrever aquilo em que resultará a manutenção da tendência para o mal e a injustiça); por outras palavras, *o trabalho árduo será uma característica constante da versão justa da idade de ferro*, mas – como se sugere no v. 179, em que se fala da mistura de bens e de males – a dificuldade do trabalho estará *simultaneamente associada a uma sensação de facilidade*. A este respeito, cf. vv. 286-292: σοὶ δ’ ἐγὼ ἐσθλὰ νοέων ἐρέω, μέγα νήπιε Πέρση. / τὴν μὲν τοι Κακότητα καὶ ἰλαδὸν ἔστιν ἐλέσθαι / ῥηιδίως· λείη μὲν ὁδός, μάλα δ’ ἐγγύθι ναίει· / τῆς δ’ Ἀρετῆς ἰδρωῶτα θεοὶ προπάροιθεν ἔθηκαν / ἀθάνατοι· μακρὸς δὲ καὶ ὄρθιος οἶμος ἐς αὐτὴν / καὶ τρηχὺς τὸ πρῶτον· ἐπὶν δ’ εἰς ἄκρον ἵκηται, / ῥηιδίη δὴπειτα πέλει, χαλεπή περ εὐῶσα.

⁹² A atitude de respeito pelos outros e pelos deuses equivalerá à inversão da tendência descrita sobretudo nos vv. 182-194.

⁹³ Sobre o paralelismo negativo entre a idade de ouro e a idade de ferro, veja-se supra secção VI.

bitantes da idade de ferro: vv. 121-126); há, assim, uma ligação clara e *actual* da idade de ferro à de ouro. Neste sentido, uma vez que os δαίμονες vigiam os julgamentos e feitos cruéis dos habitantes da idade de ferro (vv. 123-124; cf. vv. 253-254) e lhes concedem riquezas (v. 126), a inversão da tendência dominante na idade de ferro – quer dizer, a inversão da tendência para executar julgamentos pelas próprias mãos (vv. 189, 192) e para a existência de seres humanos cruéis (v. 187), uma inversão que trará prosperidade (cf. vv. 179, 200-201) – pode ser considerada como uma *forma de relação a tais δαίμονες e, portanto, à idade de ouro*.

Percebe-se, assim, que o aperfeiçoamento moral da idade de ferro, a sua “aproximação” à idade de ouro, corresponde a *apenas uma* das possibilidades que ela envolve. Por outras palavras, é a adopção de *só uma* dessas possibilidades que se vai poder traduzir na *segunda manifestação da temporalidade cíclica* (isto é, na “regressão” ou “regresso” à idade de ouro)⁹⁴. Ora, a circunstância de o aperfeiçoamento moral da idade de ferro equivaler a somente uma das possibilidades indicadas afecta a segunda manifestação da temporalidade “regressiva” ou cíclica: *fragiliza-a* de um certo ponto de vista. De facto, do ponto de vista da *realização*, a segunda manifestação da temporalidade “regressiva” ou cíclica é *mais frágil* do que a primeira manifestação, já que a passagem da idade de bronze para a idade heróica *ocorre efectivamente*, ao passo que o “regresso” da idade de ferro à idade de ouro (e tanto quer dizer: a instauração daquilo a que chamámos a versão justa da sexta idade) *pode ou não realizar-se*: e, mesmo que chegue a realizar-se, o esforço de realização *tem de ser mantido a cada instante*. Com efeito, o “regresso” à idade de ouro requer dos habitantes da idade de ferro um esforço permanente, que se acha constantemente *sujeito ao fracasso*: o movimento de degeneração das idades *pode sempre repor-se*⁹⁵ e levar a idade de ferro à

⁹⁴ Clay, *Hesiod's Cosmos*, 84-85, rejeita a interpretação segundo a qual o mito das idades envolve uma temporalidade cíclica: “(...) the assumption of a cyclical interpretation would completely undermine the paraenetic character and urgency of Hesiod's message. Why worry if better days are undoubtedly ahead? Why change one's evil ways? Indeed, Hesiod's repeated insistence on mankind's – and Perses' – critical choice, his ethical responsibility, and the proximity of catastrophe would merely constitute empty blather.” A nosso ver, no entanto, a existência de uma temporalidade cíclica só anularia o carácter parenético ou exortativo do poema hesiódico *se fosse de ordem cósmica e implicasse necessidade*. Todavia, a temporalidade cíclica envolvida na descrição da idade de ferro tem o carácter de uma *possibilidade* e está nas mãos dos habitantes da idade de ferro (quer dizer, possui a natureza de uma *escolha* e depende da assunção de uma *responsabilidade ética ou moral*).

⁹⁵ O v. 179, no qual Hesíodo se refere à mistura de bens e de males na idade de ferro, permite concluir que a *possibilidade de uma queda na tendência para o mal e a injustiça é constante*. O mesmo v. indica, por outro lado, que a *possibilidade de inverter*

completa degeneração moral e subsequente destruição (a destruição da sociedade humana como tal).

No entanto, a segunda manifestação, em comparação com a primeira, caracteriza-se pela sua *positividade*. Pois, se tivermos em conta que há uma diferença entre “regressão” e ciclicidade⁹⁶, a ciclicidade da primeira manifestação *só ocorre no momento em que a temporalidade da degeneração se repõe* (e, nesse sentido, possui um *carácter negativo ou degenerativo*, ao passo que a “regressão” operada pelo surgimento da idade heróica se caracteriza por uma natureza positiva ou regenerativa). Pelo contrário, a ciclicidade da segunda manifestação *só tem lugar se os habitantes da idade de ferro contrariarem a tendência para a continuidade da temporalidade da degeneração* (ou seja, para a manutenção do curso da primeira manifestação) e assim contribuírem para estabelecer uma *ciclicidade de natureza positiva ou regenerativa* (quer dizer, coincidente com um restabelecimento do movimento de “regresso” à idade de ouro que se verifica com o surgimento da idade heróica).

Além disso, verificamos que, em contraste com o movimento de regeneração moral desencadeado pelo aparecimento da idade heróica, o movimento de regeneração moral ao alcance da idade de ferro, ao mesmo tempo que se caracteriza pela fragilidade resultante de consistir numa mera possibilidade cuja execução tem ainda e sempre de ser objecto de uma escolha, goza de *potencialidade*. De facto, ao passo que a regeneração moral operada pelo surgimento da idade heróica *é temporária e irrecuperável* (no sentido em que *jaz num passado a que não se pode realmente voltar*), a regeneração moral da idade de ferro é algo que os habitantes da idade de ferro *têm o poder de levar a cabo no presente e ao longo do tempo futuro da sua existência* (caso esta se execute no contexto da versão justa da sexta idade ou até que a versão injusta da sexta idade torne a tendência para o mal e a injustiça totalmente irreversível).

a tendência actualmente dominante na idade de ferro persiste até ao momento em que Αἰδώς e Νέμεσις abandonem os seres humanos rumo à morada Olímpica (vv. 197-201). Vendo bem, a partir da posição do v. 179 e do significado da construção ἄλλ' ἔμπης, é manifesto que a sua principal função é comunicar que, *apesar dos males apresentados nos vv. 176-178, ainda assim haverá também* (καί) bens para os habitantes da idade de ferro. Dito de outro modo, a tónica está posta sobretudo na *existência de bens* conjuntamente com os males antes descritos. Do ponto de vista da *situação objectiva vivida pelos habitantes da idade de ferro*, porém, a *coexistência de bens e de males* (os quais são o resultado da resposta divina ao carácter moral das acções humanas) permite que se interprete a *alternativa entre bem e justiça/mal e injustiça* como *constante* (nos termos definidos acima).

⁹⁶ Sobre esta diferença, vejam-se supra nn. 71 *in fine* e 86.

IX

Mas há um outro factor de *fragilização* da segunda manifestação da temporalidade cíclica ou “regressiva” (para além do seu carácter de mera possibilidade, para além da circunstância de dizer respeito apenas a uma das possibilidades contidas na idade de ferro). Trata-se, vendo bem, de uma fragilidade relativa a uma certa *ineficácia* do “regresso” *realizável*. É que, por mais que os habitantes da idade de ferro ajam bem e justamente, o “regresso” à idade de ouro *jamais passará de uma mera “aproximação”*, de sorte que os habitantes da idade de ferro *ficarão sempre alguém ou à distância* da idade de ouro. Dito de outro modo, a idade de ferro nunca possuirá mais do que uma *“lembrança embargada”*⁹⁷ da idade de ouro.

Consideremos, então, a descrição hesiódica da idade de ferro, com o objectivo de determinarmos em que sentido se pode dizer que a idade de ferro será sempre uma mera “aproximação” à idade de ouro. Em primeiro lugar, os vv. 176-179, os quais indicam aquilo a que poderíamos chamar a condição inerente dos habitantes da idade de ferro – isto é, aquela condição que continua a subsistir mesmo quando os habitantes da idade de ferro se decidem pela prática do bem e da justiça e, portanto, procuram inverter a tendência actualmente dominante na idade de ferro para o mal e a injustiça –, chamam a atenção para a permanência (vv. 176-177: ... οὐδέ ποτ’ ἡμαρ / παύσσονται ... οὐδέ τι νύκτωρ ...) do esforço (v. 177: ... καμάτου ...), da dificuldade (v. 177: ... ὀϊζύος ...), do cansaço (v. 178: ... τειρόμενοι ...) e das preocupações ou cuidados (v. 178: ... μερίμνας); isto representa, pelo menos, parte dos males que, de acordo com o v. 179, continuarão então a estar misturados com os bens. Como parece claro, os males mencionados nos vv. 176-179 decorrem da natureza humana *enquanto necessita trabalhar para poder obter*

⁹⁷ Ao reelaborar o mito das idades, Platão refere-se ao κόσμος, no período em que este se acha abandonado a si mesmo (período cuja descrição se inspira na idade de ferro hesiódica), como aquele que rememora, até onde lhe é possível, aquilo que lhe ensinou o seu criador e pai (cf. *Plt.* 273b1-273b2 [Burnet]: ... τὴν τοῦ δημιουργοῦ καὶ πατρὸς ἀπομνημονεύων διδαχὴν εἰς δύναμιν), designadamente, no período anterior a esse e cujas características se baseiam na idade de ouro hesiódica. Platão refere ainda que, no período em que o κόσμος se acha em movimento segundo a sua tendência natural e à medida que o tempo vai decorrendo, se introduz um esquecimento de tais ensinamentos (cf. *Plt.* 273c6-273c7 [Burnet]: ... προϊόντος δὲ τοῦ χρόνου καὶ λήθης ἐγγιγνομένης ἐν αὐτῷ ...). A despeito das diferenças entre o mito de Platão e o de Hesíodo, as categorias platónicas da *lembrança imperfeita* e da *tendência para o esquecimento* – as quais apontam para a *impossibilidade de raiz em restabelecer plenamente a situação relativa ao período em que a divindade conduzia o movimento cósmico* – parecem-nos adequadas para dar conta daquilo que está em questão na *incompletude do “regresso” da idade de ferro à idade de ouro*.

*os seus meios de subsistência*⁹⁸. Em segundo lugar, no resto da descrição da idade de ferro (vv. 180-201), onde Hesíodo aponta para a configuração extrema resultante da tendência dos habitantes da idade de ferro para a prática do mal e da injustiça, acham-se salientadas sobretudo três características: a execução da justiça pelas próprias mãos (v. 189: χειροδίκαι ...; v. 192: ... δίκη δ' ἐν χειρσί), a ausência de αἰδώς/Αἰδώς (vv. 192-193: ... αἰδώς / οὐκ ἔσται ...; v. 200) e de Νέμεσις (v. 200); os opostos destas características – os quais equivalerão, para os habitantes da idade de ferro, ao modo possível de “regresso” à idade de ouro – consistirão no pronunciamento de julgamentos justos, na posse de αἰδώς/na presença de Αἰδώς e na presença de Νέμεσις⁹⁹. No entanto, a necessidade de trabalho, o pronunciamento de julgamentos justos, αἰδώς/Αἰδώς e Νέμεσις não ocorrem na idade de ouro. Ora, tal significa que há, por assim dizer, uma *diferença de forma* entre as duas idades. Aquilo que na idade de ouro está *sempre já garantido* em resultado da própria *natureza das condições de vida* aí existentes – isso, na idade de ferro, só se pode alcançar a partir de uma *decisão moral* dos seus habitantes, a qual se exprime na *dedicação ao trabalho* e no *pronunciamento de julgamentos justos*. Na idade de ferro, há, por conseguinte, a possibilidade de um “regresso” à idade de ouro; mas trata-se de um “regresso” que equivale a uma mera “aproximação”. Está em causa, com efeito, aquilo a que podemos chamar um “*regresso embargado*”, que, em virtude do próprio *carácter do movimento que o constitui*, *impossibilita* a sua *plena* realização. A idade de ouro está, em verdade, “*presente*” na idade de ferro; quer dizer, há, na idade de ferro, um “*cruzamento*” entre ela e a idade de ouro. Tal “*presença*” ou “*cruzamento*”, porém, tem o *modo defeituoso* da idade de ferro.

A circunstância de a idade de ferro envolver a possibilidade de um “regresso embargado” à idade de ouro torna-se mais clara se considerarmos o modo como o mito das idades contagia ou se alastra a uma secção subsequente de *Os trabalhos e os dias* (designadamente, à secção em que Hesíodo

⁹⁸ Sobre a concepção hesiódica dos seres humanos como aqueles que necessitam trabalhar para subsistir, veja-se J.-P. Vernant, “À la table des hommes” in M. Detienne et J.-P. Vernant (edd.), *La cuisine du sacrifice en pays grec* (Paris, 1979), 37-132.

⁹⁹ A propósito do significado de αἰδώς/Αἰδώς e Νέμεσις como dois poderes inibitórios, vejam-se West, *Hesiod: Works & Days*, 204, ad v. 200; Verdenius, *A Commentary on Hesiod (Works and Days, vv. 1-382)*, 114, ad αἰδώς, p. 116, ad Νέμεσις. Na qualidade de poderes *inibitórios*, não têm lugar na idade de ouro, já que os seus habitantes *não conhecem a tendência para o mal e a injustiça* (sobre os habitantes da idade de ouro não se acharem confrontados com a alternativa bem e justiça/mal e injustiça, veja-se supra n. 38). O pronunciamento de julgamentos não ocorre na idade de ouro, pois não haveria contendas judiciais para resolver entre os seus habitantes (cf. vv. 118-119).

procede a uma oposição entre dois modelos de cidade)¹⁰⁰. De facto, após o mito das idades, a fábula do falcão e do rouxinol e uma exortação a Perses (vv. 213-224), Hesíodo apresenta um contraste entre uma cidade em que reina a justiça e a abundância proveniente do trabalho (vv. 225-237) e uma cidade em que prevalece a injustiça, a fome e a calamidade (vv. 238-247). Na verdade, não nos interessa tanto o contraste entre estes dois modelos, quanto a circunstância de o modelo da cidade justa e do trabalho frutífero reflectir *características opostas* às da idade de ferro e um *paralelismo positivo* em relação às condições de vida na idade de ouro. As referências à idade de ouro na apresentação de tal modelo parecem-nos claras: fala-se da paz como nutridora dos jovens¹⁰¹, da celebração de festividades e da partilha dos alimentos¹⁰², da circunstância de a terra fornecer meios de subsistência em abundância¹⁰³, da posse de gado ovino com fartos tosões¹⁰⁴, da continuidade da presença de bens¹⁰⁵. Não menos clara é a existência de uma *oposição* entre as características deste modelo de cidade e as características da idade de ferro; trata-se de uma oposição que parece representar a *inversão da tendência dominante na idade de ferro e eo ipso a execução da possibilidade de “regresso”* envolvida nesta idade (com tudo o que vimos que tal “regresso” tem de retenção numa modalidade inerentemente defeituosa). Para além das características comuns à idade de ouro e à inversão possível da tendência predominante na idade de ferro, a descrição do modelo da cidade justa inclui as mesmas marcas que, segundo considerámos, assinalam que o “regresso”

¹⁰⁰ Vv. 225-247. Veja-se, a respeito do alastramento da descrição da idade de ferro a outras secções de *Os trabalhos e os dias*, Cordero, “Passé mythique et présent historique chez Hésiode”, 87: “La description de la génération actuelle, d’ailleurs, ne se termine pas, comme on le croit souvent, au vers 202: elle continue jusqu’à la fin de l’ouvrage.”

¹⁰¹ V. 228: (...) Εἰρήνη δ’ ἀνά γῆν κουροτρόφος (...). Cf. vv. 113-114, onde se refere que os habitantes da idade de ouro não envelhecem, antes se mantêm semelhantes na sua constituição física. Cf., além disso, v. 119, onde ἦσυχτοι faz referência ao carácter pacífico dos habitantes da idade de ouro. No v. 189, é indicado, em vez disso, que, segundo a tendência predominante na idade de ferro, as cidades dos seus habitantes se destruirão mutuamente; e o v. 181 indica que, caso se mantenha a tendência predominante na idade de ferro, os seus habitantes acabarão por nascer já envelhecidos.

¹⁰² V. 231: (...) θαλῆς δὲ μεμηλότα ἔργα νέμονται. Cf. vv. 115, 118-119. Os vv. 195-196, ao contrário, dizem que, caso prevaleça a tendência actual na idade de ferro, Ζῆλος ou a Inveja acompanhará todos os seus habitantes.

¹⁰³ V. 232: τοῖσι φέρει μὲν γαῖα πολὺν βίον (...); v. 237: (...) καρπὸν δὲ φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα. Cf. vv. 117-118.

¹⁰⁴ V. 234: (...) εἰροπόκοι δ’ ὄιες μαλλοῖς καταβεβρίθασι (...). Cf. v. 120.

¹⁰⁵ V. 236: (...) θάλλουσιν δ’ ἀγαθοῖσι διαμπερές (...). Cf. vv. 115, 116-117. Em contraste com isto, o v. 201, relativo à descrição da idade de ferro, aponta para a ausência de resistência face aos males.

da idade de ferro à idade de ouro *não pode ser senão um “regresso embargado”*. Ora, assim como na inversão possível da tendência dominante na idade de ferro, assim também no modelo da cidade justa a semelhança com a idade de ouro se constitui por via daquilo mesmo que impede a existência de uma identidade sem restrições ou absoluta: o pronunciamento de julgamentos justos (cf. vv. 225-226) e o trabalho frutífero (cf. v. 231: ... μεμηλότα ἔργα ...).

X

Procuremos, agora, considerar a questão da estrutura fundamental do mito hesiódico das idades, designadamente, a partir de uma análise da forma de “presença” da idade de ouro quer na idade heróica quer na idade de ferro. Ora, a idade de ouro, em virtude de equivaler à *primeiríssima* das idades¹⁰⁶, mas também por corresponder à idade que se acha “*presente*” em outras duas (e “presente” em outras duas *ao modo de um modelo/ideal* a que se pretende “regressar”), representa *um dos pilares fundamentais* da construção ou composição do mito. A nossa tese, além disso, é também a de que o outro dos dois pilares fundamentais do mito consiste na *idade de ferro*.

A idade heróica, contudo, parece poder constituir uma objecção à nossa tese, uma vez que, em virtude de algumas das suas características e da semelhança delas à idade de ouro, envolve uma significativa relação com esta idade, quer dizer, com o primeiro pilar fundamental do mito. De facto, na segunda parte da descrição da idade heróica (relativa ao destino *post mortem* dos seus habitantes), duas características apresentam uma grande proximidade às da idade de ouro: a despreocupação do θυμός e a fertilidade da terra. É certo que o “regresso” da idade heróica à de ouro tem as limitações que oportunamente considerámos¹⁰⁷; mas, a despeito de tais limitações e do

¹⁰⁶ Cf. v. 109: (...) πρώτιστα (...). Por essa razão, a idade de ouro *determina* o curso de todo o mito e de *Os trabalhos e os dias* na sua globalidade, no sentido em que a sua descrição é o *princípio* de explicação do surgimento da idade de ferro (enquanto esta constitui o *resultado de um movimento de degeneração* que se inicia com o desaparecimento da idade de ouro) e – uma vez que a descrição da idade de ferro se alastra a todo o poema – o princípio de explicação da *situação que conduz à elaboração de Os trabalhos e os dias*. Veja-se o contraste entre πρώτιστα e νῦν γὰρ δὴ (v. 176) enquanto manifestação, a partir de expressões linguísticas de natureza temporal, da estrutura e do enquadramento fundamentais do mito. A este respeito, considerem-se Calame, “Succession des âges et pragmatique poétique de la justice: le récit hésiodique des cinq espèces humaines”, 83-84; Gagné, “Invisible Kin: *Works and Days* 280-285”, 10; Currie, “Hesiod on Human History”, 41 n. 17.

¹⁰⁷ Sobre o paralelismo entre a segunda parte da descrição da idade heróica e a descrição da idade de ouro, bem como sobre as limitações do “regresso” da idade heróica à idade de ouro (as quais marcam tal paralelismo), veja-se supra secção VII.

ponto de vista da semelhança de uma dessas características à idade de ouro (designadamente, aquela que tem que ver com a *despreocupação do θυμός*), a idade heróica está *mais próxima da de ouro* do que a de ferro. Assim, ao passo que na idade heróica a terra dá frutos *sem precisar ser cultivada*¹⁰⁸, na descrição da idade de ferro (cf. vv. 176-179) – e, além disso, na apresentação do modelo da cidade justa (cf. v. 231), entendida como constituindo em parte um efeito de alastramento da descrição da idade de ferro – é indicado que os seus habitantes *necessitam trabalhar* para usufruírem de meios de subsistência e outros bens.

Mas, apesar disso, é a idade de ferro que representa o outro pilar da composição do mito. Desde logo, porque a descrição da idade de ferro diz respeito ao *tempo presente* ou ao *agora*; e o tempo presente ou o agora domina todo o poema, já que a sua *condição decaída ou degenerada* é o que se pode dizer que *motiva a própria composição* de *Os trabalhos e os dias*¹⁰⁹. Ora, isso mesmo se reflecte na circunstância de, na descrição da idade de ferro e na apresentação do modelo da cidade justa, os paralelismos com a idade de ouro atingirem *proporções maiores* (como resulta claro a partir do que vimos nas duas secções anteriores).

Em virtude do carácter mais amplo dos paralelismos associados à idade de ferro e ao seu alastramento ao modelo da cidade justa, podemos afirmar que a possibilidade de “regresso” da idade de ferro à idade de ouro *remete imediatamente para esta última*, quer dizer, *não precisa de qualquer mediação por parte da idade heróica*¹¹⁰. Por um lado, porque há um conjunto de semelhanças entre a idade de ferro (incluindo o seu alastramento ao modelo

¹⁰⁸ Cf. v. 170. A ideia de que os habitantes da idade heróica não precisam trabalhar a terra, depois de renascerem e irem ocupar as Ilhas dos Bem-aventurados, está expressa na circunstância de aí viverem com o θυμός despreocupado.

¹⁰⁹ Veja-se Cordero, “Passé mythique et présent historique chez Hésiode”, 83: “(...) le point du départ des *Travaux* est le *nun*, le présent réel, historique. *C’est à partir de son présent qu’Hésiode réfléchit sur le passé pour construire le futur.*” Cordero, no entanto, pressupõe uma oposição rígida entre o passado mítico e o presente (e o futuro) real ou histórico. Dito de outra maneira, não considera a *transformação de apercepção* operada pela explicação do tempo presente *como idade de ferro*, ou seja, como resultado de um processo de degeneração desde o desaparecimento da idade de ouro. Numa palavra, não leva em linha de conta a circunstância de, não só o passado, mas *também o presente e o futuro*, possuírem um *carácter mítico*, no sentido em que a sua compreensão envolve categorias míticas (como indicámos sobretudo na secção I).

¹¹⁰ Não estamos, por isso, de acordo com a tese de Most, “Hesiod’s Myth of the Five (or Three or Four) Races”, 119, para quem a idade de ferro tem uma conexão mais estreita com a idade heróica do que com a idade de ouro. Também discordamos de Brown, “From the Golden Age to the Isles of the Blest”, 389-390, que sustenta que a idade heróica desempenha um papel decisivo como modelo da idade de ferro.

da cidade justa) e a idade de ouro que *não existem entre a idade heróica e a idade de ouro*. Mas, por outro lado, porque – mesmo no que tem que ver com a semelhança entre o alastramento da idade de ferro ao modelo da cidade justa e a idade de ouro que também existe entre a idade heróica e a idade de ouro – aquela que diz respeito ao alastramento da idade de ferro ao modelo da cidade justa e à idade de ouro parece possuir uma *correspondência mais directa* do que aquela que diz respeito à idade heróica e à idade de ouro. De facto, ao passo que na idade heróica a terra dá frutos *três vezes por ano* (v. 173), no modelo da cidade justa γαῖα fornece meios de subsistência *em abundância*¹¹¹ e os seus habitantes florescem com bens *continuamente*¹¹².

Se assim é, o sentido do mito no seu todo joga-se na alternativa que a *multiplicação da idade de ouro na idade de ferro* permite abrir no interior desta, a qual multiplicação conduz à *multiplicação da idade de ferro no quadro da sua própria descrição*, uma vez que se passam a apresentar *duas potenciais idades de ferro com naturezas opostas*. Em suma, o sentido do mito joga-se na constituição da alternativa que pode levar ao estabelecimento *ou* de uma segunda forma de temporalidade cíclica¹¹³ *ou* à continuação do curso da primeira (neste caso, até que a própria idade de ferro sucumba às mãos de Zeus em resultado da sua extrema degeneração)¹¹⁴.

¹¹¹ V. 232: τοῖσι φέρει μὲν γαῖα πολὺν βίον (...). Cf. vv. 117-118: (...) καρπὸν δ' ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον (...). A propósito de γαῖα como termo que designa a terra cultivada, cf. *LSJ* s.u. III.

¹¹² V. 236: (...) θάλλουσιν δ' ἀγαθοῖσι διαμπερές (...). Cf. vv. 117-118: (...) καρπὸν δ' ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον (...). Sobre ἄφθονον enquanto envolve a ideia de continuidade no tempo, veja-se supra n. 78.

¹¹³ Uma vez que, na possibilidade de “regresso” da idade de ferro à idade de ouro, não há nenhuma espécie de mediação por parte da idade heróica, a temporalidade cíclica envolvida em tal possibilidade não tem que ver com o *conteúdo* do “regresso”, mas antes com a *forma* deste: enquanto *reintroduz um movimento de regeneração*, algo outrora também operado pela idade heróica.

¹¹⁴ Sobre o carácter moral ou ético da alternativa em questão, veja-se supra n. 95.